

KIT RESPEITAR
*Enfrentamento à violência
contra crianças e adolescentes*

Criar
Respeitando
Guia para Pais e Responsáveis



A autora

Anna Christina Cardoso de Mello é psicóloga jurídica, professora universitária, mestre e doutora em psicologia clínica, escolar e do desenvolvimento humano. Atua há mais de vinte anos com crianças e adolescentes, dezoito dos quais no Tribunal de Justiça. Foi coordenadora de projetos da Fundação Orsa, onde hoje colabora como consultora.

A direção de arte

Ficou a cargo de CRIANÇAS CRIATIVAS®, que realiza programas de desenvolvimento sócio-ambiental, dirigido por Gian Calvi, designer e ilustrador de livros infantis e juvenis, com diferentes prêmios nacionais e internacionais.

Perfil – Fundação Orsa

Criada em 1994, muito antes que conceitos como responsabilidade social e empresa-cidadã se destacassem com o vigor dos dias atuais, a Fundação Orsa é uma instituição atuante no desenvolvimento de programas e projetos sociais. Idealizada pelo Grupo Orsa, um dos maiores fabricantes de madeira, celulose, papéis para embalagem, chapas e embalagens de papelão ondulado do país, tem como princípio a atuação em rede e sua trajetória acompanhou o desenvolvimento do conceito de investimento social privado no Brasil.

Constituída como instituição sem fins lucrativos, a Fundação Orsa direcionou suas primeiras ações na formação integral da criança e do adolescente. Ao longo dos anos se especializou no desenvolvimento de tecnologias sociais nas áreas de educação, saúde, geração de emprego e renda e garantia de direitos. Hoje, também foca suas ações no fortalecimento de políticas públicas e no desenvolvimento sustentável de territórios, por meio de um modelo que integra iniciativas ligadas aos âmbitos produtivo, social, ambiental e humano.

O modelo de atuação em rede envolve colaboradores, financiadores e comunidades locais, além de universidades, órgãos governamentais, empresas e a sociedade civil organizada. São mais de 200 instituições parceiras de ações em todo o Brasil, entre ONGs, órgãos dos três níveis de Governo, associações de classe e outras empresas. A Fundação Orsa tem como objetivo criar programas e projetos eficientes que possam ser replicados, de grande alcance e impacto na sociedade.

KIT RESPEITAR
*Enfrentamento à violência
contra crianças e adolescentes*

Criar Respeitando

Guia para Pais e Responsáveis



Enfrentamento à violência

Kit Respeitar



FUNDAÇÃO ORSA
Criança e Vida

Realização:
Fundação ORSA



Kit RESPEITAR
Enfrentamento à Violência

Concepção e texto:
Anna Christina Cardoso de Mello - *Psicóloga*

Revisão:
Anna Christina Cardoso de Mello
Paulo Antero S. Barbosa
Vivian Miwa Matsushita

Diagramação e ilustrações:
estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS® Gian Calvi e Nela Marín

Consultoria e revisão técnica:
Elizabeth Terezinha Silva Rosa - *Assistente Social*
Joanice Barbosa Parmegiane - *Educadora*
Lígia Ferreira Galvão - *Psicóloga*
Linda Simone Mallak - *Psicóloga*
Luiz Carlos Figueiredo - *Juiz de Direito*
Marlene Vaz - *Socióloga*
Rosemary Peres Miyahara - *Psicóloga*
Roberto da Silva - *Educador*
Rui de Paiva - *Pediatra*
Viviane Rosina Agostinho - *Educadora*

CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

M527k Mello, Anna Christina Cardoso de
Kit respeitar : enfrentamento à violência contra crianças e
adolescentes : criar respeitando : guia para pais e responsáveis /
Anna Christina Cardoso de Mello. – São Paulo : Fundação Orsa :
SEADS : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
55 p. : il. color. ; 28 cm

Bibliografia: p. 55

1. Violência contra crianças e adolescentes. 2. Direitos da
criança. 3. Adolescentes. 4. Prevenção da violência. 5. Educação.
I. Título.

CDD 362.76





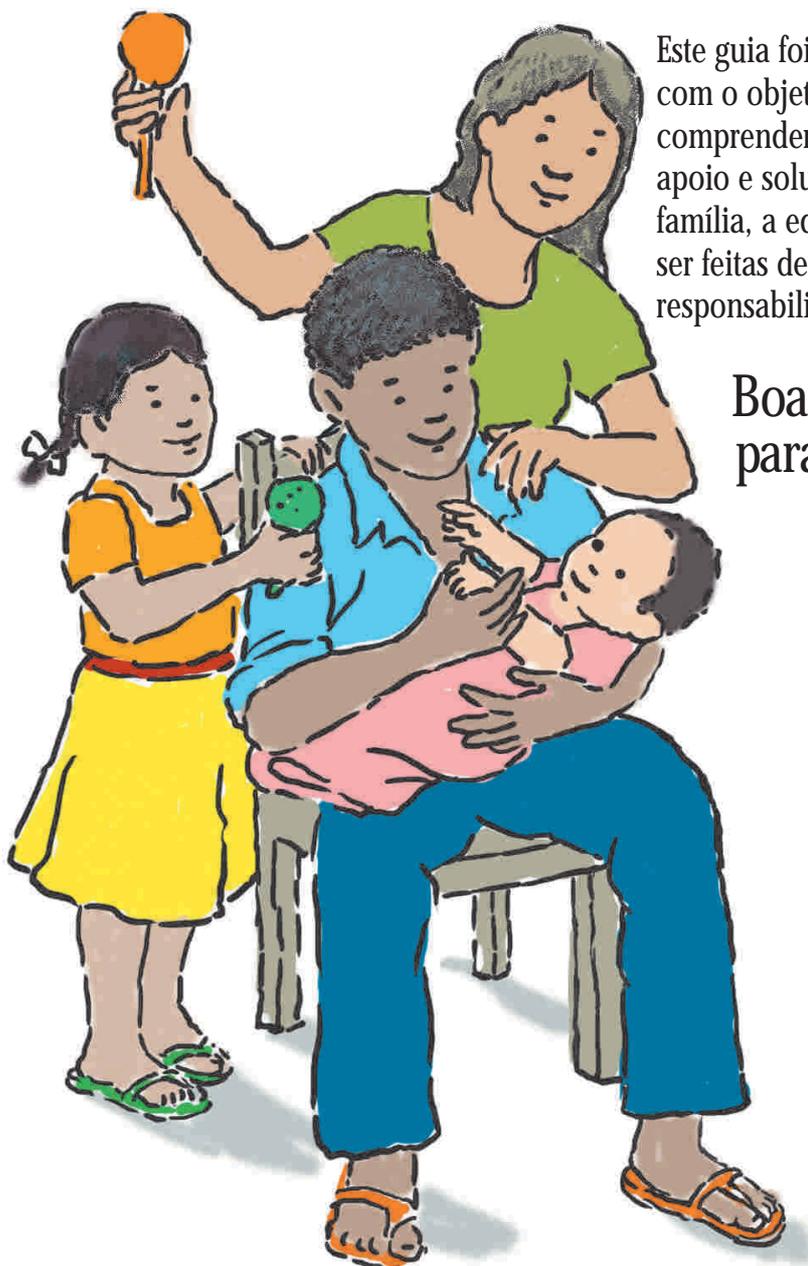
Sumário

Orientações aos pais e responsáveis.....	06
Violência contra crianças e adolescentes.....	08
Violência física.....	09
Violência sexual.....	10
Violência psicológica.....	12
Negligência física.....	13
Negligência psicológica.....	13
Síndrome de Münchausen por procuração.....	14
Sinais gerais de alerta.....	15
Outros sinais indicativos de criança ou adolescente.....	
que sofre violência.....	16
Sinais mais específicos de abuso sexual	17
Se esses sinais aparecem em sua família.....	
ou em famílias próximas.....	18
Mas, atenção!.....	19
Violência contra crianças e adolescentes com deficiência.....	20
Educação sem violência.....	22
Abaixo à punição física.....	24
Dicas para dar limites sem o uso de qualquer tipo de violência..	26
Educação sexual preventiva.....	36
Como explicar de modo claro e simples a seu filho.....	
sobre a exploração e abusos sexuais.....	40
A melhor prevenção.....	41
Denúncia.....	51
Conselho Tutelar / Justiça da Infância e da Juventude.....	52
Serviços de atendimento no Brasil.....	53
Telefones importantes.....	54
Fontes utilizadas para a construção deste guia.....	55



Olá a todos que têm filhos ou crianças e adolescentes sob sua responsabilidade, ou pretendem tê-los

Hoje em dia é difícil encontrar alguém que não saiba o que é violência contra crianças e adolescentes, dentro e fora da família. Aqui no Brasil, os muros do silêncio vêm sendo derrubados pouco a pouco, há cerca de duas décadas. Mas são muitas as pessoas que encontram a violência em sua própria casa ou fora dela e não sabem o que fazer para denunciá-la, combatê-la ou tratá-la, nem a quem e onde pedir ajuda.



Este guia foi elaborado para responder a essas dúvidas, com o objetivo de ajudar pais e responsáveis a compreender melhor o assunto. Isto os ajudará a buscar apoio e soluções, contribuindo para que a vida em família, a educação dos filhos e nossa cultura possam ser feitas de amor, compreensão, diálogo, respeito, responsabilidade e ausência de violência de qualquer tipo.

Boa leitura e coragem para combater a violência!





Orientações aos pais e responsáveis

- O ideal é que este guia não seja simplesmente lido por vocês, pais ou responsáveis, mas sim que seja apresentado por profissionais, inserido em um trabalho global de orientação. Há partes que necessitam de discussão e esclarecimento profissional para a leitura, ou durante a mesma, e há outras de mais fácil entendimento, dependendo dos conhecimentos que vocês já têm sobre as questões tratadas.
- Por exemplo, no que diz respeito aos abusos sexuais, as crianças não deveriam ser sensibilizadas pelos pais a esse respeito sem antes terem sido informadas dos fatos da sexualidade que fazem parte do desenvolvimento saudável e das relações respeitadas. Por isso, é importante que os pais (apoiados por profissionais, sempre que necessário) ajudem a criança a apreender noções básicas de sexualidade baseadas no respeito, na reciprocidade e no consentimento consciente e próprio a cada idade. Para que a criança possa reconhecer um abuso e se defender dele, ela precisa ter sido, no cotidiano, ajudada e encorajada a fazer respeitar seu corpo e sua intimidade.
- Educação sem violência e com bons exemplos em casa, bem como educação sexual* em casa e na escola, são os maiores e melhores meios de prevenção: é fundamental resolver as dificuldades com diálogo, respeito e calma. No caso da sexualidade, ensinar e conversar sobre a diferença anatômica entre os sexos, como os bebês são feitos; também dar noções sobre o respeito, o prazer e a vontade nas relações entre os sexos, para que a criança saiba diferenciar comportamentos sexuais saudáveis de comportamentos sexuais desviantes. Explicar as coisas às crianças, mesmo cedo, de modo claro e preciso, não as perturba. O silêncio, o mistério e o tabu são muito mais angustiantes e as deixam desprotegidas.
- Depois que vocês estiverem “experts” no conhecimento e na prevenção da violência contra crianças e adolescentes, compartilhem as informações e idéias deste guia com o maior número possível de pessoas de suas relações pessoais e profissionais, motivando-as a denunciar casos suspeitos ou já conhecidos e a lutar juntamente com vocês!

**Sugestão de leitura:* SILVA, M. C. P. (org) Sexualidade começa na infância.

São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.



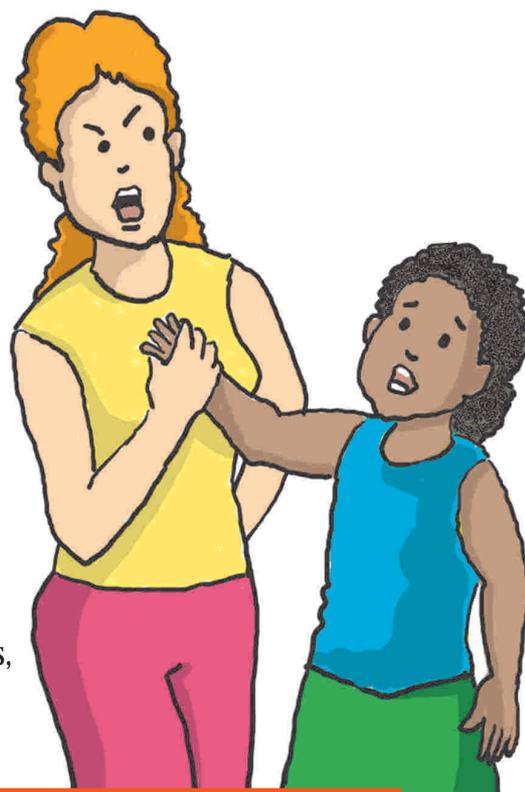
A sugestão é a de que este trabalho educativo seja feito por etapas:

1. Participe de programas de prevenção e de enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes, oferecido por profissionais capacitados, utilizando os guias desenvolvidos pela Fundação Orsa.
2. Depois, leia o guia sozinho ou com seu companheiro(a), marido ou esposa.
3. Tente perceber o que gerou insegurança ou dúvida em você, as razões dessas dificuldades e procure ajuda profissional para superá-las.
4. Veja quais os temas você já tratou com seu filho(a): existem pontos sobre os quais você gostaria de conversar novamente, há informações que você tem medo de passar a eles, ou há questões que você também desconhece? Discuta e busque ajuda para solucionar esses impasses.
5. Escolha um momento propício para tocar nesses assuntos com seus filhos: a participação conjunta em um programa de prevenção ou enfrentamento; uma história que aconteceu com um amigo ou mesmo com a própria criança; uma curiosidade expressa por ela; um programa de TV que tenha falado do assunto; um acontecimento relatado pela mídia. Se não houver um acontecimento oportuno para motivar esse papo, assegure-se de que ele seja feito da forma mais tranquila possível, inserindo naturalmente essas informações nas situações da vida cotidiana, ilustrando com exemplos que ajudem a criança a entender melhor tais questões.
6. Não tenha pressa de passar todas as informações a seus filhos. Toque nos assuntos pouco a pouco, conforme a curiosidade, a disponibilidade e a capacidade de compreensão da criança, durante o tempo que for necessário, lendo e relendo sempre que possível os pontos mais difíceis e promovendo sempre a discussão sobre cada tema e seu necessário entendimento e assimilação. A mensagem deve ser clara e construtiva. Peça ajuda se necessário.
7. Não se pode mentir às crianças. Mas isso não significa ter sempre de lhes dizer tudo cruamente e de uma só vez. Em certos casos, é aconselhável revelar e trabalhar as questões aos poucos, e não amedrontá-las com detalhes terríveis de violências, torturas ou até mortes de crianças, tentando fazê-las compreender o que nós mesmos não compreendemos, tragédias que não podemos mudar.
8. É triste termos o dever de prevenir nossas crianças contra a violência e contra os autores das violências, que podem ser as pessoas que elas mais amam e que cuidam delas. É difícil sermos obrigados a insinuar desconfiança em suas mentes. Mas isso é muito importante e muitas vezes vital, pois os bichos-papões e os lobos não existem só nos contos de fadas e é preciso que vocês lhes contem isso, com uma voz calma e passando-lhes apoio e segurança. Quanto mais seus filhos se sentirem donos desses conhecimentos e de seu próprio ser (corpo e alma), mais firme e seguramente reagirão diante de uma ameaça ou de uma violação!

Violência contra crianças e adolescentes

Não existe uma definição oficial, mas uma criança ou um adolescente sofre violência quando é negligenciado, discriminado, agredido, explorado, oprimido, torturado, ou submetido a tratamento desumano, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (como indicado nos artigos 5º e 18 do Estatuto da Criança e do Adolescente), em uma relação de desigualdade na família ou fora dela.

- Este guia trata da violência contra crianças e adolescentes que acontece nas relações interpessoais, diferentemente daquela mais generalizada, que ocorre como consequência de guerras ou problemas econômicos, sociais, políticos, étnicos, religiosos.
- A violência pode ocorrer entre pessoas de qualquer classe social, religião, etnia.
- Na família, essa violência é protegida pelo segredo, por mitos (como o de que qualquer família é melhor do que não ter família, e de que os pais têm o poder de vida e morte sobre os filhos) e pela ideologia do vínculo familiar (isto é, o fato de se dar mais importância à simples existência de ligação biológica e/ou afetiva do que à qualidade da mesma).
- A violência nega o direito da criança e do adolescente à liberdade e ao respeito, aprisiona sua vontade e transforma-os em coisa ao submetê-lo ao poder adulto.
- A violência contra crianças e adolescentes pode ser perpetrada ou praticada por pais, responsáveis ou outros parentes, no lar; ou por pessoas conhecidas ou desconhecidas, fora do lar.
- Violência é toda ação ou omissão capaz de causar ou que já causa dano físico, sexual e/ou emocional na criança ou no adolescente, de modo sistemático (constante) ou episódico (um ou mais acontecimentos), intencional, negando seus direitos fundamentais.
- A violência contra crianças e adolescentes que ocorre na família corresponde a aproximadamente 90% dos casos conhecidos ou denunciados, segundo as fontes consultadas (vide bibliografia na página 53). Percebemos então que a família é a maior responsável pela violência contra crianças e adolescentes, enquanto deveria ser um ambiente privilegiado de amor, respeito e proteção, fundamentais para um desenvolvimento sadio.



Modalidades

São duas as modalidades básicas de violência contra crianças e adolescentes

Por ação: *violência (física, sexual e/ou psicológica)*

Por omissão: *negligência (física e/ou psicológica)*

Obs.: Há uma terceira forma de violência/negligência, que não chega a se configurar como modalidade, tanto pela sua incidência quanto pelo fato de ser, na verdade, um distúrbio. Porém vamos indicar aqui por considerarmos importante saber que ela existe e como é caracterizada: é a síndrome de Münchausen por procuração.

Violência física

Acontece com mais frequência na família (intrafamiliar), mas pode ocorrer em creche, escola, abrigo, internato, serviços de saúde (extrafamiliar).

Ocorre violência quando se usa força física para machucar, punir ou com o pretexto de corrigir crianças e adolescentes.

Pode ir de um tapa ao espancamento fatal.

Todo ato que causa dor física em criança ou adolescente é violência.

- violência física é abuso, transgressão ou exacerbação do poder/dever do adulto de educar e cuidar da criança;
- o adulto que reproduz e perpetua essa violência em geral também foi vítima dela;
- o uso de castigos físicos na educação de crianças foi inventado pelos adultos, legitimado pela sociedade e ainda é transmitido de geração para geração;
- os adultos não podem ser corrigidos com violência física, nem grave nem moderada, nem mesmo quando cometem um crime grave; aliás, o mundo seria um caos, uma grande guerra, se todos resolvessem seus problemas usando a violência, como se vê em alguns países hoje;
- adultos que cometem violência em suas relações com os outros, sejam eles adultos, adolescentes ou crianças, são exemplos ruins para qualquer pessoa;
- se a violência na educação perpetuou-se no tempo, cabe a nós revertermos esse quadro, mudando, com nossos exemplos e atitudes, a triste história de muitas crianças e adolescentes.



Violência sexual

- Caracteriza-se quando um ou mais adultos, sejam eles pais, responsáveis, conhecidos ou desconhecidos, têm com a criança ou o adolescente contato (físico ou não) de caráter sexual ou relação sexual propriamente dita, com a intenção de ser estimulado sexualmente ou de estimular outra(s) pessoa(s). O autor da violência sexual pode ser também um adolescente que seja, dependendo do caso, de três a cinco anos mais velho do que a vítima.
- É toda participação consentida ou não, de criança ou adolescente, em atividades sexuais com adulto(s), que vão além de sua capacidade de compreensão e são impróprias à sua idade e ao seu desenvolvimento. Essa participação pode acontecer por meio de coerção, violência ou sedução e transgredir regras sociais e costumes.
- Podem ser conversas obscenas diretas ou por telefone, exposição de fotografias ou de filmes eróticos ou pornográficos, exibicionismo (1), voyeurismo (2), atos libidinosos (toques, carícias), masturbação forçada, imposição de higiene íntima, relações sexuais (oral, genital ou anal), participação em cenas eróticas ou pornográficas, indução à prostituição e outros tipos de exploração sexual comercial.
- Criança e adolescente devem sempre ser considerados vítimas e não réus, pois a intenção é sempre o prazer (direto ou indireto) do adulto que os coage e submete.

(1) exibicionismo: sentir prazer em exibir o corpo nu ou partes dele, principalmente as sexuais, para outras pessoas;
(2) voyeurismo: sentir prazer em olhar pessoas se despindo, nuas ou em atos sexuais; ambos são tratados aqui em seu sentido de distúrbio sexual, isto é, não como parte de um relacionamento sexual saudável entre adultos, mas como perversão ou único modo de satisfação sexual com pessoas que não compartilhem, não consentam ou não possam ser “objeto” desse prazer.

Conta pra mim
o que ele
fez com você?



A VIOLÊNCIA SEXUAL ACONTECE DE DUAS FORMAS BÁSICAS:

1. Abuso sexual: adulto(s)/jovem(s) mantém atividades sexuais com criança(s)/adolescente(s), com ou sem contato físico, para obter prazer para si.

Estupro: só é considerado pelo Código Penal em relação ao sexo feminino; trata-se de conjunção carnal (penetração pênis → vagina) forçada, mediante violência ou grave ameaça; contra meninas com menos de 14 anos, a relação sexual imposta pelo adulto homem é considerada estupro, pois a violência é presumida.

Atentado violento ao pudor: constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso (que visa prazer sexual – carícias, toques, sexo anal e oral) diferente da conjunção carnal.

Estupro e atentado violento ao pudor são termos da legislação penal para definir alguns crimes sexuais. Os autores desses crimes podem ser pessoas de fora da família ou mesmo familiares.

2. Exploração sexual:



Para atos sexuais: chamada erroneamente de prostituição infanto-juvenil, é a conduta de adultos que exploram a criança e o adolescente, induzindo-os a praticar atos sexuais com adultos tendo como fim comercial a obtenção de lucros, além da satisfação sexual do adulto; essas vítimas são mais corretamente chamadas de prostituídas ou em situação de prostituição.

Obs.: o termo prostituição refere-se a adultos que se prostituem conscientes do que isso significa.

Para produção, troca e/ou comercialização de materiais pornográficos: é a exploração, comercial ou não, de imagens de crianças e adolescentes em atos sexuais ou exibicionistas, feitas a partir de cenas reais ou de montagens fotográficas para revistas, filmes, vídeos etc., veiculadas por meios impressos ou pela internet, para atingir um público adulto ou mesmo outras crianças e adolescentes.

Para turismo sexual: é o esquema de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes feito para consumo de turistas (nacionais e estrangeiros), envolvendo uma rede de cumplicidade (hotéis, bares, guias turísticos etc.)

Para tráfico com fins sexuais: é o ato de levar crianças e adolescentes para outras cidades, estados ou países, a fim de servir a propósitos sexuais de adultos.

Ambas as formas podem ser perpetradas por pessoas da família ou não.



Violência Sexual Intrafamiliar

Violência de natureza incestuosa já que o autor tem vínculo de parentesco e/ou de responsabilidade para com a criança ou o adolescente, e as relações sexuais entre eles são proibidas por lei ou costume.

Incesto: “Conjunção carnal ilícita entre parentes consanguíneos em linha reta ou colateral até o 2º grau ou entre afins ou adotivos, para os quais o casamento é proibido, podendo ainda constituir agravante de pena nos crimes contra os costumes.”

(Diniz, 1998, p. 803-804)

Para obter maiores informações do Código Civil a respeito de impedimentos de casamento e sobre o incesto considerado circunstância agravante da pena de crime no Código Penal, consulte a parte jurídica da versão deste guia feita para profissionais.

Violência psicológica

Define-se por palavras, atitudes, comportamentos e/ou climas negativos criados por adultos em torno de criança ou adolescente, de caráter repetido, extensivo e deliberado. Seu impacto emocional ultrapassa a capacidade de integração psicológica da criança ou adolescente e resulta em sérios prejuízos ao desenvolvimento psico-afetivo, relacional e social dos mesmos. Em geral, acompanha as outras formas de violência.

- Rejeição afetiva: depreciação ativa da criança e do adolescente, ataque direto à auto-estima (dizer ou sugerir que não tem valor e que não pode ser amado), desencorajamento das expressões de apego (recusar ou rejeitar o afago, carinho ou aproximação que a criança procura), tratamento negativo diferenciado, ameaças de abandono, agressividade verbal, depreciação da imagem, humilhações verbais ou não verbais públicas, utilização de apelidos ou adjetivos que ridicularizam e inferiorizam, comparações maldosas ou degradantes.



- Alto grau de expectativa e de exigência: atribuição de tarefas em excesso ou inadaptadas às possibilidades de crianças e adolescentes, que prejudicam o estudo, o descanso e o lazer; responsabilidades e expectativas inadequadas à idade e à condição da criança ou do adolescente; imposição de exigências irrealistas ou inconsistentes.
- Terrorismo: ambiente ameaçador, hostil e imprevisível; estimulação de medos intensos na criança ou no adolescente, com ameaças diretas de morte, de abandono, de punições extremas ou sinistras, ou ameaças a pessoas ou objetos amados; acessos de raiva constantes.
- Isolamento ou confinamento: ação de cortar os contatos sociais usuais da criança ou do adolescente, levando-os a acreditar que estão sozinhos no mundo e que não podem contar com ninguém; limitação dos movimentos da criança ou adolescente, fechando-os, isolando-os ou mesmo prendendo-os em casa, proibindo-os de ter atividades fora de casa e/ou da escola.
- Corrupção e/ou exploração: incentivo a comportamentos impróprios, anti-sociais ou desviantes na criança ou no adolescente, motivando-os à agressão verbal ou física, a atos delinquentes, ao consumo de álcool, drogas e outras substâncias nocivas, ou explorando-os comercialmente para o sexo.

(Inspirado em Durning & Fortin, 1996)

Negligência

Omissão — moderada ou severa, aguda ou crônica — em prover as necessidades físicas e emocionais de crianças e adolescentes. A forma extrema dessa modalidade de violência é o abandono total.

Negligência física

Falta ou falha na alimentação, no cuidado com a saúde, no vestuário, nos materiais básicos para estimulação, desenvolvimento da inteligência, da aprendizagem, do conhecimento e estudo, na rotina, na organização e na movimentação do ambiente, da parte daqueles que são os responsáveis por isso: pais, guardiães, abrigo, escola, creche; essa omissão não pode ser decorrente de condições de vida (socioeconômicas principalmente) ou incidentes fora do controle dos responsáveis.

Negligência psicológica

Falta de responsabilidade, de afeto, de sensibilidade e de interesse para com as necessidades e manifestações da criança e do adolescente; indiferença diante de demandas afetivas; falta de disponibilidade psicológica concretizada em atitude de desprezo, em interações limitadas e frias; ausência de interesse, de atenção, de manifestações de apego.



Síndrome de Münchausen por procuração

- Síndrome de Münchausen é um distúrbio psiquiátrico denominado assim em alusão ao Barão de Münchausen, personagem da literatura, que inventava grandes histórias: há pessoas que inventam ou produzem sintomas físicos e têm prazer de se submeter a exames e tratamentos desnecessários.
- Essa síndrome é denominada “por procuração” quando uma criança é vítima de doença inventada ou fabricada pelos pais por meio de simulação ou indução de sintomas.
- Abrange também os casos nos quais uma criança tem uma doença verdadeira, com complicações que são unicamente fabricadas ou provocadas pelos pais (por exemplo, pais de criança epilética que aumentam em dez vezes o número de crises com relação à versão do professor da escola).
- Essa síndrome se concretiza pela associação dos seguintes indicadores:

- 1) conjunto de sintomas inexplicáveis que já dura vários meses ou anos, sendo necessárias múltiplas hospitalizações ou investigações clínicas sem um diagnóstico conclusivo; por vezes, pensa-se que é uma doença rara ou mesmo única;
- 2) descrição feita pelos pais de sinais e sintomas impróprios ou incompatíveis com o diagnóstico dos médicos;
- 3) numerosos tratamentos, normalmente eficazes para a doença considerada, revelam-se ineficazes para a criança em questão;
- 4) lista considerável de alimentos e medicamentos para os quais a criança é declarada alérgica pelos pais, fora de um contexto específico;
- 5) irmãos também são tratados em função de numerosas doenças raras e variadas;
- 6) morte inexplicável entre os irmãos.

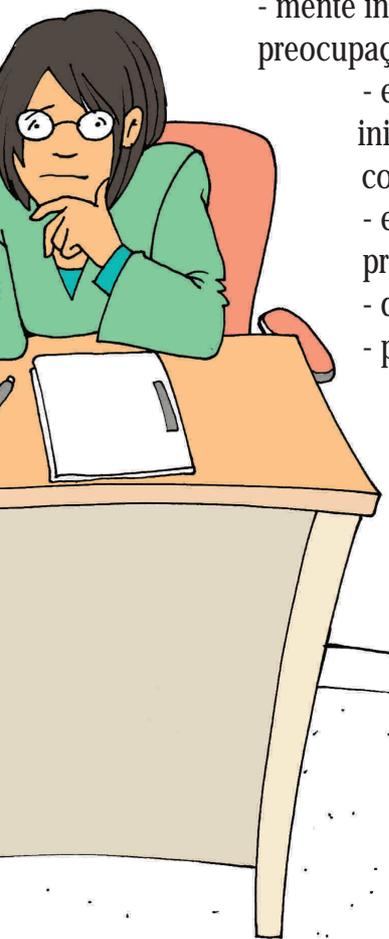
**“NÃO SABEMOS
POR QUE ELE AINDA
ESTÁ DOENTE...”**



Sinais gerais de alerta

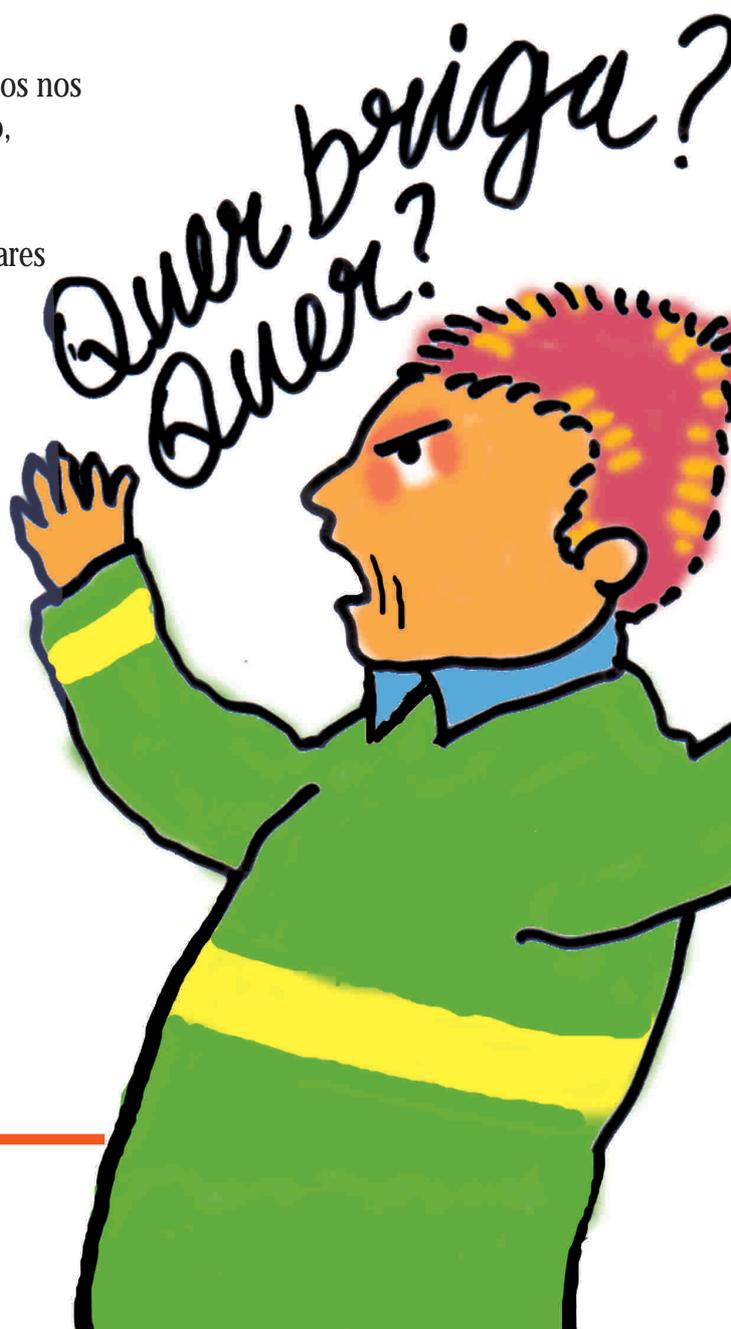
São indícios de violência e/ou de negligência, levando à suspeita ou mesmo à confirmação, mas que não podem ser vistos isoladamente.

- aspecto negligenciado, desnutrido, abatido;
- muito cansaço, sonolência, desmotivação;
- uso de roupas não adequadas ao clima;
- vacinas atrasadas; doenças freqüentes;
- atraso no desenvolvimento motor e afetivo;
- marcas e machucados, como arranhões, hematomas, alopecia (queda de cabelo ou partes do couro cabeludo sem ou com pouco cabelo), fraturas freqüentes;
 - expressão contínua de tristeza, preocupação, apreensão, medo, angústia, desconfiança, estado de alerta extremo com relação ao ambiente; choro freqüente;
 - mente indisponível para a aprendizagem, pois a criança parece estar ocupada com preocupações que normalmente não deveria ter; dispersão, falta de concentração;
 - excessiva agressividade, hiperatividade, impulsividade, por um lado, ou muita inibição, retraimento, apatia, por outro, ou alternância dessas atitudes, com mudanças bruscas;
 - enurese ou encoprese diurna e/ou noturna, após sete anos de idade e sem problemas aparentes;
 - distúrbios alimentares como anorexia, bulimia, obesidade;
 - preocupações e comportamentos sexuais (exibicionismo, erotismo ou inibição em demasia) impróprios para a idade e etapa de desenvolvimento;
 - doenças sexualmente transmissíveis;
 - abuso sexual ou ataque a outras crianças; crueldade com animais;
 - fugas, tentativas de suicídio, condutas aditivas (álcool, drogas);
 - promiscuidade ou atitude de se prostituir;
 - atos anti-sociais, como vandalismo, roubo, entre outros;
 - situação de fracasso escolar.



Outros sinais indicativos de criança ou adolescente que sofre violência

- *Agressividade excessiva.* ultrapassa todos os limites, não aceita nem respeita regras, quebra brinquedos e coisas descarregando permanentemente uma enorme tensão interna; tem poucos amigos ou é rejeitado por outras crianças e outros adultos; esse comportamento agressivo demais pode ser consequência da violência familiar, mas pode também ser um fator desencadeador: os pais esgotados e não sabendo lidar com esse excesso de atividade e agressividade, acabam tentando combatê-lo com mais violência, o que cria um círculo vicioso.
- *Sintomas silenciosos.* fica apático, fechado em si mesmo, não se comunica ou comunica muito pouco, tem medo de qualquer contato físico, mesmo os afetivos, parecendo insensível aos acontecimentos.
- *Atrasos no desenvolvimento.* apresenta vários atrasos nos níveis de desenvolvimento físico, psicológico, afetivo, social, escolar e de puberdade.
- *Rendimento escolar instável.* seus resultados escolares não refletem sua verdadeira capacidade intelectual, apresentando altos e baixos.
- *Queixas relacionadas a problemas físicos.* (na verdade, psicossomáticos): dores de cabeça, de barriga, de estômago, vômitos constantes, dificuldade em adormecer ou mesmo insônia, pesadelos, xixi na cama, entre outras.
- *Sinais emocionais.* baixa auto-estima, falta de autoconfiança, insegurança, medos, sentimento de culpa, falta de referências do que é agradável ou desagradável, bom ou ruim, depressão.



Sinais mais específicos de abuso sexual

- medo incomum na presença de certas pessoas ou recusa de ser deixado sozinho com elas;
- recusa ou pânico de trocar de roupa em vestiários de clubes, na escola ou em casa para dormir ou tomar banho;
- vontade ou atitude de colocar uma quantidade excessiva de roupas quando o clima não está propício a isso, ou de vestir roupas muito largas e pouco atraentes;
- aversão ou fascinação estranha por contatos físicos;
- informação de que é o(a) preferido(a) de alguma pessoa e, portanto, tratado(a) com privilégios ou recompensas exageradas;
- medo inusitado de certos locais da escola, de carro, banheiros etc.;
- irritações ou mudanças inexplicáveis de comportamento relacionadas aos seus órgãos genitais, ao ânus ou à boca;
 - vocabulário sexual extremamente elaborado para a idade;
 - interesse fora do comum pela sexualidade adulta ou interesses e comportamentos sexuais inadequados para a idade, em direção a objetos, brinquedos, animais ou outras crianças;
 - comportamentos de sedução ou submissão excessivos;
 - declarações ou desenhos explicitamente sexuais;
 - regressões, perturbações no sono, na alimentação, na digestão, perda de interesse pelo brincar, dificuldade de concentração e de aprendizagem na escola.



Se esses sinais aparecem em sua família ou famílias próximas

- Preste atenção nesses sinais, muitas vezes enrustidos, escute ou observe a criança ou o adolescente que os apresenta e fale com alguém que possa ajudar.
- Não banalize o que está acontecendo, não negue nem minimize os sinais, mesmo que seja uma suspeita.
- Não interprete os sinais com preconceito, medo ou idéia de que a família tem o direito de fazer com seus filhos o que bem entender, para o próprio bem deles. Isso é um mito!
- Afaste os sentimentos de raiva, de desgosto ou mesmo de nojo a fim de ajudar quem precisa. Reações desse tipo em relação à família podem desencadear sua omissão ou ação impulsiva, o que pode significar que a vítima ficará exposta a novas violências. Por isso, é necessário agir com prudência, calma e firmeza, sem acusações nem ameaças.
- Recuse a falta de atitude, o silêncio, a cumplicidade.
- Saiba que existem lugares e profissionais especializados para atender e acompanhar crianças, adolescentes e famílias que vivem situações desse tipo, e que você pode e deve procurá-los para ajudar a criança ou o adolescente.

Você está
tão quieto.
Vamos
brincar?



Mas, atenção!

- Os sinais ou sintomas devem ser vistos sempre em seu contexto ou situação de vida, considerando-se o quadro global da criança ou do adolescente, pois a violência é um fenômeno dinâmico e determinado por muitos fatores (físicos, psicológicos, familiares, sociais, culturais e históricos).
- Assim, nenhum sinal pode ser tomado de modo isolado como indicativo de violência. Doenças ou acidentes podem provocar sinais iguais ou parecidos, mas com localização diferente, por exemplo.
- Muitas vezes, o local, a forma, a combinação de certas lesões com a idade da criança, a presença de certos distúrbios associados, são suficientes para afirmar a ocorrência da violência.
- Outras vezes, especialmente em certas situações de abuso sexual, não há nenhum sinal físico visível, sendo necessário apoiar-se somente na palavra da criança e na presença de alguns distúrbios do comportamento.
- Portanto, é necessário sempre realizar um diagnóstico psicológico e médico que permita estabelecer a diferença entre o que é acidental ou orgânico do que foi provocado por ação violenta ou omissão.



Violência contra crianças e adolescentes com deficiência

Já sabemos que o fenômeno da violência contra as crianças e adolescentes pode atingir a todas as classes sociais, indiscriminadamente, e que ele possui seu ambiente privilegiado na própria vida familiar, onde costuma ser protegido pelo segredo e por vários mitos, como o demonstram os dados. Vamos lembrar, agora, que há uma parcela dessa população infanto/juvenil que, comumente esquecida – e talvez por isso mesmo – constitui um grupo que podemos considerar de alta vulnerabilidade à vitimização: trata-se das crianças e adolescentes com deficiência.

Tomamos por vulnerabilidade, neste caso, o conjunto de fatores que pode aumentar ou diminuir o risco a que estamos expostos, nas situações de nossa vida. Encontrar-se vulnerável a uma determinada situação está sempre diretamente associado ao quanto se pode ou não estar protegido diante dessa situação. Assim, justamente porque a maior parte dessa população específica requer cuidados constantes, por suas condições físicas e/ou intelectuais particulares, a exposição ao risco de ser vítima aumenta, já que muitas das situações que uma pessoa com deficiência vivencia dificultam ou a impedem de se defender; às vezes até de conseguir contar o que lhe ocorre.



Para algumas pessoas, dentre familiares ou profissionais que lidam com crianças e adolescentes, o que estamos afirmando aqui pode parecer absurdo e infundado, tendendo-se a pensar que seriam poucas as ocorrências entre a população com deficiência. Vamos, entretanto, tomar como referência o fato de que falar da violência contra crianças e adolescentes configura, ainda, um enorme tabu em nossa sociedade e não será difícil supor que abordar o fenômeno no contexto específico da deficiência só faz intensificar esse tabu.

É recente a história das iniciativas e ações de amplo alcance que buscam integrar as próprias crianças e adolescentes com deficiência ao convívio social (por exemplo, na escola), de modo a se conseguir enfrentar os efeitos da falta de informação, do preconceito, da ausência de recursos, etc... Talvez por isso sejam também bastante raros, ainda, os estudos que cruzam os dados sobre a ocorrência da violência contra crianças e adolescentes em geral e a cometida contra esse grupo específico – o que, de certa forma, dificulta a elaboração de ações estratégicas e orientações mais precisas.

Nada disso, no entanto, impede que utilizemos os mesmos caminhos e estratégias que, de forma geral, usamos para enfrentar essa modalidade de violência:

- deve-se dar crédito à palavra/indicação da criança ou adolescente;
- deve-se ter atenção aos sinais indicativos;
- deve-se levar em consideração que se a fala, em muitos casos, pode estar dificultada, essa não é a única forma de se obter informação da própria pessoa, acerca de algo “estranho” que esteja acontecendo com ela;
- deve-se lembrar que, embora com deficiência, ninguém deixa de ter sexualidade; as formas de manifestá-la podem ser diferentes, mas não podemos esquecer que, por mais prejuízos neurológicos ou fisiológicos que uma pessoa possa ter sofrido, ela possui corpo, emoções, sexualidade e vontades próprias.

Então você já sabe: havendo pessoas com deficiência no seu convívio familiar ou profissional, redobre a atenção aos sinais de alerta!!!

Lembre-se de que você está diante de um ser humano com recursos e potencialidades a serem desenvolvidos. E, nesse particular, ao cuidar de crianças ou adolescentes, talvez você precise se empenhar ainda mais do que já está acostumado.

Lígia Ferreira Galvão

Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano



Educação sem violência

Dicas para educar com limites não violentos*

POR QUE alguns adultos, pais, responsáveis, e até educadores profissionais e pajens, batem, machucam, humilham, xingam, comparam de modo maldoso, se são exatamente essas pessoas que deveriam proteger e respeitar crianças e adolescentes acima de tudo?

- Primeiramente, porque fazemos parte de uma cultura que ainda recomenda e aceita bater nas crianças como um direito dos pais, para o bem de seus filhos.
- Porque são pessoas que também apanharam e foram humilhadas.
- Porque não aprenderam a ter ou a ensinar limites sem violência.
- Porque ainda acreditam que amar e cuidar é também castigar e bater.
- Porque não sabem como ensinar sem o tapa, a palmada, o beliscão, o puxão de orelha, a cintada, a chinelada e outras formas de violência física.
- Porque não sabem cuidar sem gritar, xingar, humilhar, mentir, enganar, esconder, comparar e outras formas de violência psicológica.
- Porque são pessoas que bateram ou humilharam uma vez e a criança obedeceu por medo. Então, passaram a acreditar que crianças só aprendem ou obedecem dessa forma.
- Porque há curso de formação para tudo, menos para ser pai, mãe e responsável.
- Todos nós precisamos conhecer e aprender alternativas de educação que não usem métodos violentos a fim de mudar nossa atitude e nossa história!

A seguir, dicas que têm o objetivo de ajudar a mudar essa realidade.



Por que cuidar e educar sem violência?

Primeiramente, porque crianças e adolescentes são seres humanos como os adultos e devem ter os mesmos direitos: à integridade física, ao respeito, à dignidade, entre outros. Usar violência contra um adulto é considerado um crime e isso deve valer, de fato e de direito, para crianças e adolescentes.

- Porque todos, crianças e adolescentes, especialmente aqueles que foram vítimas, precisam aprender a confiar nas pessoas por meio de um vínculo seguro, firme e protetor.
- Porque a violência construída ao longo da história pode ser desconstruída, desaprendida, e melhor, substituída por alternativas não violentas de educação.
- Porque educar e cuidar por meio de uma atitude sincera, objetiva, firme e segura é a melhor maneira e o maior exemplo também. Limite ensinado com amor, carinho, compreensão, igualdade e justiça, sem violência, é fundamental para um desenvolvimento sadio.
- Porque crianças desenvolvem comportamentos mais positivos e de aceitação de limites, bem como auto-disciplina e responsabilidade, quando tratadas com afeto, valorização e reconhecimento.
- Porque crianças que não são punidas corporalmente são mais tranquilas e mais fáceis de lidar, tendo mais consciência do que é certo e errado. Agem de forma mais segura, responsável e auto-determinada, entendendo que o diálogo é a melhor forma de resolver conflitos. Elas são e continuarão sendo as maiores defensoras de uma educação não violenta.
- Porque violência pode gerar mais violência. O uso de violência na educação de crianças e adolescentes gera a tendência a repetir comportamentos violentos mais graves. Como a violência não educa, aquele que a aplica para educar ou punir, mesmo de modo leve inicialmente, tende a ser cada vez mais violento para obter o resultado esperado.
- Porque a violência desperta na criança ou no adolescente dor, raiva, ansiedade, medo, apreensão, desejo de revidar, de evitar e se afastar da pessoa que pune, entre outros sentimentos que desfavorecem o aprendizado e a relação afetiva.



- Porque educar, criar, construir não é punir. Punir é infligir pena, dar castigo a alguém ou a si mesmo. Pena, nesse sentido, relaciona-se à sanção por contravenção ou crime e associa-se a sofrimento, padecimento, aflição. Esses procedimentos estão muito longe do real significado da educação de crianças e adolescentes.
- Porque punições corporais humilham muito, fazem mal à criança, que se sente não amada, inferiorizada, sem o controle de seu corpo. A medida educativa, ao contrário, partindo de um sentimento de fracasso, impotência ou erro, deve propiciar sentimento de revalorização na criança e no adolescente, e incrementar sua capacidade de compreensão e de reparação.

Punição física*

BATER nos filhos é uma prática que foi legitimada como educativa ao longo dos mais de 500 anos de história do nosso país, a ponto de poder ser considerada por alguns estudiosos, consultados em nossas fontes, uma “mania nacional”, usada para domesticar os mais frágeis na família, para impor a crianças e adolescentes a obediência à lei dos adultos, trazendo a idéia de que estes devem vigiá-los e puni-los.

- Os principais meios de bater ainda são a palmada, a chinelada, a cintada, o puxão de orelha, de cabelo e a chicotada.
- BATER é uma resposta de raiva diante do comportamento e da rebeldia da criança, incorporada ao longo de nossa história; essa atitude de raiva se auto-alimenta, podendo, então, gerar ainda mais raiva e detonar uma reação violenta em cadeia, complicando muito a relação entre pais e filhos.
- Quando apanham, crianças e adolescentes relatam sentir dor (no corpo e no coração), tristeza, mágoa, angústia, medo, mal-estar, vergonha, rejeição e raiva. Se apanham com muita frequência, vão se tornando medrosos, “nervosos”, com pouca iniciativa, tímidos, instáveis, com dificuldade de aprendizagem, entre outras conseqüências. À medida que a criança cresce, esses sentimentos vão se transformando em mais raiva (podendo chegar ao ódio) e revolta. Crianças educadas sem o uso da violência expressam emoções construtivas, como amor, prazer, sentimento de aceitação, satisfação e gratidão.
- BATER tem efeito momentâneo, por causar esses sentimentos, mas após um tempo, que depende da intensidade da punição, e/ou da presença da pessoa, a criança volta, em geral, a apresentar o mesmo comportamento.
- Além disso, o comportamento supostamente “errado” pode desaparecer, devido ao medo, mas o comportamento desejado, adequado, não aparece como resultado da punição. Assim, a violência física não ensina a criança a fazer o certo: bater é punitivo e não educativo.



- BATER é assinar um atestado de falta de limites próprios e de fracasso educativo; é um ato covarde; palmadas são o primeiro degrau para violências mais graves; se a criança obedece ao apanhar é porque tem medo e não porque aprendeu.
- BATER favorece ou agrava dificuldades de relacionamento e conflitos; ensina que a força é que vale, transformando quem apanha em uma coisa, em um objeto; bater faz com que a criança perca a motivação por aquilo que estava realizando; ensina que é válido, lícito e aceito usar a agressão ou a violência para resolver situações e que bater é mais prático do que dialogar.
- BATER nos filhos aumenta a possibilidade de violência física entre irmãos e se manifesta neles na idade adulta como uma propensão a repetir tal comportamento, no presente e no futuro, na forma de ato anti-social (que pode ser agressividade exacerbada, dirigida às pessoas e coisas; se embriagar com álcool constantemente e provocar confusões, como brigas; pequenos furtos dentro ou fora de casa de modo freqüente, por exemplo).
- BATER mostra que aqueles que deveriam proteger e cuidar podem ser as pessoas menos confiáveis e aquelas que mais fazem mal; pode também induzir crianças e adolescentes a mentir, porque eles acabam concluindo que não apanharão se os pais não souberem o que fizeram de errado.
- BATER é condenado pela maior parte de crianças e adolescentes.
Em situações-limite, mais difíceis de administrar, quem educa deve ser humilde, não se isolar e pedir ajuda a alguém, de modo a não correr o risco de ter atitudes inadequadas como meio de encontrar uma saída mais rápida para a questão ou dificuldade.
- Há profissionais que podem ajudar os pais ou responsáveis a encontrar formas alternativas de educação que não usem a violência e auxiliá-los a colocá-las em prática, ensinando que os limites são muito importantes para o desenvolvimento saudável dos filhos, que tais limites podem ser aplicados sem violência, sem perder a autoridade e que são instrumentos do convívio pacífico, da ética, do respeito e da cidadania.

Vários países no mundo já proibem em suas legislações o uso de punição física contra crianças e adolescentes, ao mesmo tempo em que empreendem esforços para oferecer alternativas de educação sem violência. Finlândia, Dinamarca, Noruega, Áustria, Chipre, Letônia, Croácia, Israel, Alemanha, Islândia e agora o Brasil orgulhosamente se junta a eles, com a aprovação, em 20/01/2006, do projeto de lei 2654 de 2003 que estabelece o direito da criança e do adolescente de não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos, no lar, na escola, em instituição de atendimento público ou privado ou em locais públicos. Assim, em nosso país não mais se aceitará este tipo de violência, o que irá contribuir para a construção de uma nova mentalidade na educação em casa e na escola.



Em 2007, foi lançada a campanha nacional “Não Bata, Eduque”, a favor dos direitos das crianças e contra os castigos físicos e humilhantes.

Parceiros da Rede Não Bata, Eduque: ANAI, Comunicarte, Fórum Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Fundação Abrinq, Fundação Xuxa Meneghel, Promundo, Projeto Proteger e Save The Children - Suécia, com a ajuda de vários apoiadores, como a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, da Presidência da República.

A campanha visa promover reflexão sobre o castigo como medida disciplinar de crianças, mobilizar a sociedade em torno do tema, contribuindo para por fim a esta prática, não tendo como objetivo culpar os pais e sim apoiá-los para a utilização de estratégias positivas de educação, isto é, que não utilizam a violência física e psicológica e promovem o desenvolvimento físico, emocional e social dos filhos de forma saudável e participativa.

Dicas para dar limites sem o uso de qualquer tipo de violência*

- Educar exige coragem para enfrentar os desafios, muita paciência, criatividade, disponibilidade, disposição, consciência, perseverança, carinho, amor e colocação de limites. Além disso, sempre envolve acertos e erros, pois trata-se de um processo de longa duração, de contínua construção e de aprendizado para ambos os lados (filhos e pais, responsáveis).
- Crianças devem aprender que todos têm direitos iguais, que os direitos de um acabam quando começam os do outro e que aos direitos correspondem uma série de deveres também. Vocês devem ajudar seus filhos a entender, com exemplos, que é importante agir com os outros da mesma forma que gostariam que os outros agissem com eles.
- Ninguém tem a receita infalível para uma educação sem erros, que produza pessoas felizes e de sucesso, mas é fundamental que vocês procurem aprender (lendo, participando de cursos, conversando) sobre educação em casa e as etapas do desenvolvimento infantil. Isso vai ajudá-los a saber se seus filhos podem realizar aquilo que vocês esperam e pedem, não lhes exigindo tarefas, posturas e atitudes além de suas capacidades.
- Mostrem sempre seu amor com atitudes afetivas (beijos, abraços, carinhos, um “colo”) e palavras sinceras e afetuosas. Assim, seus filhos se sentirão amados e queridos, o que contribui para serem mais confiantes e felizes.



- O amor se constrói com o tempo. Nesse sentido, todo filho precisa ser adotado, isto é, aceito, assumido e amado como ele é. Ele não é exatamente o que sonhamos, nem nasce para nos consolar ou resolver nossas dificuldades. Ele é ele mesmo e precisa ser entendido e respeitado em sua individualidade, como um outro ser.
- Se vocês estão deprimidos ou exaustos com bebês ou crianças pequenas, não se sintam culpados ou maus pais. Isso pode acontecer e o melhor é procurar dividir as tarefas e/ou procurar ajuda especializada, quando necessário.
- Bebês e crianças pequenas não choram para irritar os pais. Eles querem dizer algo com o choro, que precisa ser decifrado e atendido. Deixá-los chorar por tempo demais não é a melhor maneira de fazê-los entender o que queremos. Conversem com seus bebês desde a gestação, sempre. Ele é capaz de sentir o que vocês falam e perceber o significado pelo tom de voz.
- Quando somos pais de primeira viagem, é errando e acertando que aprendemos, dia após dia.
- É muito importante explicar aos bebês e às crianças pequenas que eles terão de ficar com alguém ou em algum lugar (casa da vovó, creche, escola) para que vocês possam trabalhar ou sair, por exemplo.
- A partir dos nove meses de idade ou às vezes mais cedo, bebês começam a tocar em tudo e à medida que crescem vão querendo fazer tudo sozinhos. Isso faz parte do desenvolvimento saudável e devemos ter coragem e paciência nessa fase para sermos consistentes e suficientemente bons como pais.



- Assim, o filho pequeno deve ter espaço para pegar coisas a fim de conhecê-las, comer sozinho, até com as mãos, chorar para expressar seu descontentamento ou outro sentimento, sujar-se, com certos limites, é claro, mas sem que isso produza uma crise grave na família. Até a fase extremada do egoísmo da criança pequena passa com o tempo. Ela acha que tudo deve ser para si e que emprestar ao outro uma coisa é como perdê-la. Tenham paciência!
- Amar seu filho não é o deixar fazer tudo sem limites, mas saber dosar o que faz parte de seu desenvolvimento (para isso, é necessário abrir espaços com tolerância e bom senso para que ele possa aprender) com aquilo que é perigoso ou desnecessário (por isso, os limites são imprescindíveis).



- Além de saber colocar limites sem violência, amar é explicar as coisas aos filhos na medida em que possam entender e do modo mais doce e firme possível; é também brincar com eles, elogiá-los e encorajá-los quando progredirem, escutá-los e demonstrar afeto e respeito por eles.
- Se vocês ficam freqüentemente com raiva diante de comportamentos da criança, não estarão auxiliando o desenvolvimento sadio e podem estimular, pelo próprio exemplo, acessos de raiva na criança.
- Além disso, se seus filhos preocupam vocês, os irritam profundamente, se vocês batem neles ou têm vontade de bater, se vocês se sentem sempre culpados em suas atitudes, ou sozinhos, deprimidos, ou conhecem alguém nessa situação, não hesitem em procurar ajuda, confiando essas dificuldades a alguém. Vocês estão precisando!
- Ter uma rotina em casa, bem estabelecida e organizada, mas não rígida, é uma necessidade para crianças e adolescentes se sentirem seguros: horários de alimentação, de acordar e dormir, de brincar e sair, de estudar ou fazer lição. Além da segurança que proporciona, isso ajuda a organização interna da criança e evita discussões e brigas.
- O “sim” e o “não” devem ser usados na medida das possibilidades e necessidades, com ponderação e equilíbrio, tendo como base explicações que podem ser passadas a crianças e adolescentes de maneira sincera, firme e fácil de entender.
- Não tenham medo de estabelecer limites usando o “não” (claro, firme, intransigente) sempre que necessário, mesmo que isso gere reclamações. Frustrações fazem parte do crescimento. Mas é muito importante que vocês não desgastem o “não”, procurando tornar positivas suas falas: diga o que a criança deve fazer e não o que não deve fazer, deixando o “não” para situações especiais, por exemplo, no lugar de dizer: “não bata a porta”, diga “feche a porta mais devagar”; em vez de dizer “não grite”, diga “fale mais baixo” etc.
- Antes de dizer “não”, assegurem-se de sua decisão e de que não cederão depois dizendo “sim”. Se vocês não estiverem firmes, é melhor cederem de uma vez, caso contrário ensinarão a seu filho que a melhor maneira de conseguir as coisas é insistindo e amolando os pais.



- Não se esqueçam de que, para quem educa junto – pai e mãe, o limite deve ser resultado de um acordo entre os dois a fim de não tornar a mensagem contraditória para o filho, o que gera angústia e bloqueia o aprendizado. O ideal também é que um pai não desautorize o outro na frente do filho: mesmo que um não concorde com o que o outro fez ou falou. É melhor conversarem isso depois, longe da criança, até chegarem a um acordo. Na presença dela é melhor mostrar coerência.

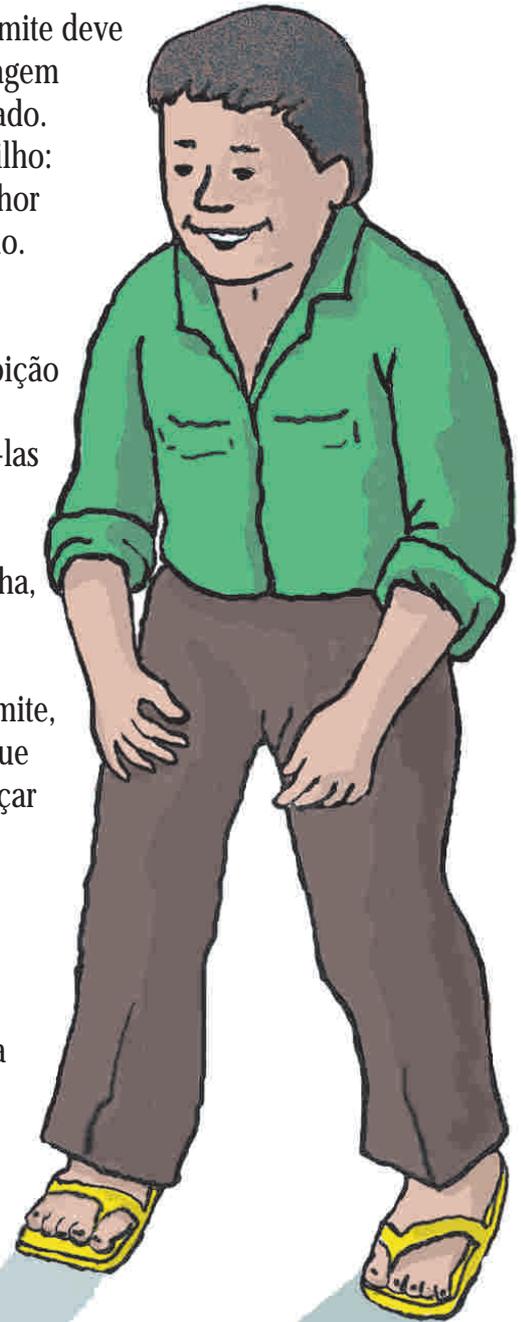
- É essencial explicar à criança e ao adolescente os motivos da proibição ou da ordem: “porque sim” e “porque não” nada ensinam. Deixem também as ordens para momentos indispensáveis, para não desgastá-las e para que vocês não se tornem pais autoritários, fomentando um “clima de guerra”. Ao invés de ordens, procurem dar alternativas à criança, pois assim ela se sentirá importante, participando da escolha, e isso reforçará sua iniciativa e autonomia.

- Também não adianta somente dizer “não”, impor ou ensinar um limite, sem observar posteriormente se os filhos absorveram as regras e de que maneira estão administrando sua autonomia. É preciso apoiar e reforçar os limites sempre que necessário.

- Separem um tempo para bater papo com seus filhos sobre diversas situações (das cotidianas às mais sérias), sempre com paciência, tranquilidade e firmeza quando necessário. Lembrem-se de que conversar com eles é também ouvir, e ouvir bastante, dando a devida atenção ao que têm a dizer. Assim, eles aprendem a dialogar e se sentem mais calmos, respeitados e acolhidos.

- No entanto, vocês não precisam perder tempo dando longas explicações e sermões a crianças pequenas, pois elas não têm paciência para ouvir e, em geral, também não têm capacidade para entender tudo o que se fala. Além disso, ao longo do discurso, a criança pode até esquecer o que provocou o sermão, podendo também aprender que com isso mobiliza a atenção dos pais por um grande período de tempo. Portanto, é melhor ser claro, firme, objetivo e curto.

- Para falar seriamente com o filho pequeno, a sugestão é que vocês se abaiquem, ficando na altura dele, peçam sua atenção, segurando-o firmemente pelos braços (sem apertar) e digam o que têm a dizer, sem titubear, com uma expressão facial condizente com o que está sendo dito. Isso produz um efeito muito melhor (do que gritar ou bater) e não machuca, nem física nem psicologicamente, pelo contrário.



- Já repararam como somos enormes perto de nossos filhos pequenos? Quando nos agarram, eles pegam em nossos joelhos ou coxas, não é? Há um exercício interessante que nos ajuda a sentir o que é ver o mundo da perspectiva de uma criança pequena: ajoelhe-se, olhe a seu redor, repare no tamanho dos móveis, dos corredores, das pessoas e reflita; converse com alguém ajoelhado, olhando para cima; imagine-se levando um tapa vindo de cima ou um grito de alguém enorme; volte um pouco na memória e recorde-se de momentos em que, já adulto, entrou em uma casa e teve a impressão de que ela estava muito pequena, pois costumava visitá-la quando criança, época em que então tudo parecia tão grande; aí você se dá conta de que “tamanho pode ser documento” e que ser violento com uma criança é mesmo uma grande covardia.
- É importante evitar ensinar comportamentos ao filho ou repreendê-lo quando ele está muito mal-humorado, irritado ou cansado, fazendo birra. Nessas ocasiões, seu filho estará pouco ou nada receptivo ao aprendizado. É melhor esperar que ele se acalme, sem lhe dar grandes atenções, para que ele entenda também que não conseguirá nada tendo acessos de raiva, por exemplo.
- O mesmo vale para adultos. Evite querer ensinar, corrigir ou dar broncas se estiver mal-humorado, irritado ou muito cansado, pois você também não estará nada tolerante nem acolhedor. Espere um momento mais oportuno, conte até dez, vinte ou diga ao seu filho, mesmo que com esforço, que você está muito cansado e que poderá se exceder nas atitudes. Depois disso, se afaste até se acalmar, a não ser, é claro, que a situação exija de você uma intervenção imediata por colocar em risco ou em perigo a criança, você mesmo ou outra pessoa.
- Atitudes positivas devem receber aprovação, sorriso, incentivo, reconhecimento e valorização; atitudes negativas devem receber reprovação e crítica construtiva, com estímulo e apoio em direção à reparação. Aprova-se e aplaude-se o bom, o positivo (dizendo “muito bom”, “parabéns”, que gostou etc.), e reprova-se ou repreende-se e não se estimula o negativo, isto é, atitudes desrespeitosas, destrutivas, violentas, ensinando depois como fazer para reparar ou consertar aquela situação.
- Procurem então incentivar seus filhos a partir daquilo que eles fazem bem e dos atos negativos que conseguiram evitar. Mas, atenção, vocês não devem utilizar seu amor para chantagear o filho, ameaçando ou afirmando que não gostam mais dele ou ficam tristes se ele fizer tal coisa ou porque ele a fez, muito menos expressões do tipo: “você está me matando com isso” ou “você vai me deixar doente”. Isso os faz ter sentimentos de culpa, mexe com a auto-estima e provoca insegurança.
- Quando forem repreendê-los, por alguma razão, tomem cuidado com as palavras usadas para não feri-los, inferiorizá-los, ofendê-los, ridicularizá-los. Colocar-se no lugar deles ajuda a fazer críticas de uma maneira construtiva.



- Para crianças pequenas, não vale a pena deixar coisas ou situações perigosas a seu alcance nem objetos que vocês não gostariam que elas tocassem, evitando assim ter de passar o dia dizendo “não” e perdendo a paciência, ou expondo-as a perigos reais. Aos poucos, essas coisas podem ser novamente introduzidas na casa, ao mesmo tempo em que se ensina seu valor e o cuidado necessário. Tampem tomadas, coloquem proteção em janelas etc.
- Vocês também podem substituir as coisas ou atividades da criança, mudar o foco. Por exemplo, se ela está mexendo em um livro que pode estragar, diga-lhe firmemente que ela não pode usá-lo e por que motivo, e troque-o, com jeito, por um livro que ela possa manusear sem preocupações. Isso melhora o resultado e evita conflitos maiores.
- Ceder e negociar também, sempre que possível, é uma boa estratégia: se a criança não quer escovar os dentes, por exemplo, porque quer fazê-lo sozinha (e ainda não tem capacidade para isso), proponha que ela escove os de baixo e você os de cima, e depois troquem de posição; ou outras variações.
- Para ensinar e prevenir sobre perigos, usem o bom senso e palavras precisas: ao invés de afirmar à criança, por exemplo, inúmeras vezes e de modo desesperado, que ela vai cair se subir em tal lugar – e correr o risco de ela não cair e de você perder a credibilidade, o que acontece muito – pode-se dizer “Cuidado! Subir aí é perigoso! Você pode cair e se machucar!”, ou: “Cuidado! Tenho medo que você escorregue e se machuque subindo aí”, entre outros exemplos. Assim, vocês serão realistas, sensatos e não alimentarão uma proteção exagerada.
- Para a criança, brincar é, em geral, o que de mais importante ela tem e gosta de fazer na vida. Por isso, ela atenderá melhor uma “ordem” ou mudança na rotina se vocês a avisarem com antecedência (mesmo que a criança ainda não tenha noção de minutos) que ela terá de parar a brincadeira, por exemplo, para tomar banho, um remédio, jantar ou sair. Com isso, vocês estarão lhe dando oportunidade para se organizar internamente, preparando-se para deixar uma atividade e iniciar outra, além de lhe mostrarem respeito e valorização, o que lhe servirá também de modelo. Por exemplo: “Daqui a 5 minutos vamos parar de brincar para tomar banho!”.



- Quando vocês apresentarem uma regra à criança e ela não for respeitada, é melhor não falarem “vinte vezes” à criança, sem serem firmes, e acabarem perdendo o controle na vigésima vez. Vale muito mais agir de imediato – avisando o que pode acontecer se o comportamento for repetido, com firmeza, para obter resultado e credibilidade, enquanto ainda mantêm seu controle emocional. Por exemplo, a criança está brincando com um objeto de montar e começa a bater com ele na televisão; você a avisa que “o brinquedo é para montar aqui no chão e não para bater na televisão, pois pode quebrá-la; se você continuar batendo eu vou ser obrigado a tirá-lo de você e não lhe dar mais agora”; se a criança insistir, você deve cumprir o que foi dito; se a criança chorar muito e quiser continuar com o brinquedo, você pode lhe dar mais uma chance, falando que acredita que ela conseguirá brincar no chão com o objeto; mas se ela repetir o que não pode, é melhor retirar o brinquedo de uma vez e deixar a criança por um tempo sem ele, explicando que a chance dela acabou.
- É fundamental ensinar à criança e ao adolescente a tolerar as pequenas frustrações do dia-a-dia, a desenvolver a capacidade para adiar a satisfação, para que saibam enfrentar frustrações futuras com maturidade, equilíbrio e responsabilidade.
- Vocês devem fornecer exemplos consistentes com aquilo que ensinam e atitudes coerentes que sirvam de exemplo. Limites devem ser justos, coerentes e consistentes também, e não pautados no bom ou mau humor de pais e educadores. Criança precisa de firmeza e coerência com relação ao que se espera dela, pois variações e inconsistências só minam o aprendizado e a deixam insegura. Pais que não têm limites na própria vida não conseguem impor limites aos filhos.
- Limite justo, coerente, consistente, bem estabelecido e administrado, acaba sendo internalizado pela criança e tornando-se um valor que ela também defenderá.
- Para educar é necessário ter autoridade mas sem autoritarismo (este é justamente o resultado da falta daquela), isto é, ao dar ordens, vocês devem fazê-lo de forma firme, porém tranquila, com respeito, explicando o motivo da mesma de modo objetivo e claro. Estar autorizado a ensinar e colocar limites não é ter licença para ser autoritário, para exercer um controle total, como um ditador ou tirano, nem para bater ou humilhar com palavras.
- Ter e exercer a autoridade é saber ouvir, compreender e ensinar com respeito e empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro). É não ser impositivo forçosamente, mas firme e positivo na educação, sabendo corrigir orientando, incentivando e protegendo.
- Para serem respeitados, os pais devem respeitar a criança e os outros ao seu redor, servindo de exemplo. Isso vale para a privacidade: respeitar a privacidade da criança e do adolescente (não invadir seu quarto, momentos com amigos ou atividades prazerosas para eles, quando não for uma situação que obrigue essa atitude), sem ser negligente, ou seja, sem deixar de atender suas necessidades nem deixar de dar a atenção e a proteção necessárias.



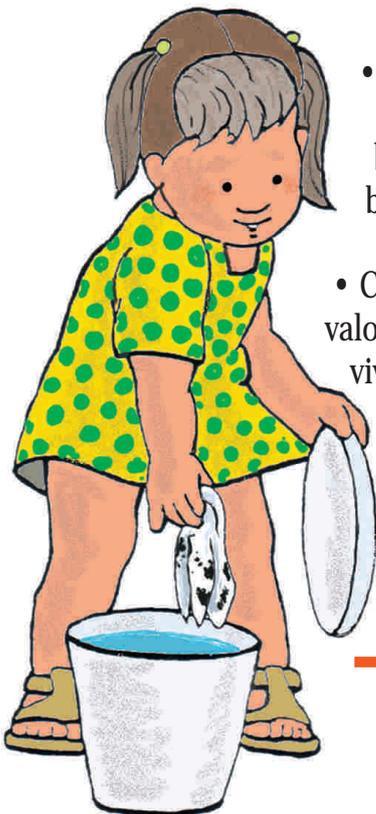
- Filhos seguros, que têm um bom relacionamento com os pais, acatam com mais tranquilidade os limites, pois desejam naturalmente continuar recebendo amor e aprovação deles e de outras pessoas que representem autoridade.
- É essencial resolver as situações pelo diálogo e pela negociação, não gritando nem batendo para educar em nenhuma hipótese (isso não significa que vocês não possam ficar bravos). O bater deve ser abolido da educação, com os argumentos já apresentados, e substituído por atitudes criativas e construtivas. O grito, por sua vez, assusta, ofende e só desgasta a relação entre pais e filhos, irritando todos que estão ao redor. Como a violência física, a violência verbal pode tornar-se habitual à criança e não servir mais como limite.
- Às vezes a criança apronta tanto, grita, faz birras enormes, enfim, tem comportamentos tão difíceis de suportar que parece que está “pedindo para apanhar”. Nesses momentos, como qualquer ser humano, vocês podem ficar tentados a reagir tão forte quanto impulsivamente, descarregando sua irritação, provocada pelos comportamentos da criança, por meio da violência física. Mas contem-se, pensem pelo menos uma vez antes de agir, lembrando-se que não é certo bater nem vale a pena. Criança testa mesmo os limites dos pais porque quer atenção a todo custo. Reajam de modo firme, mas não violento. Contem até dez ou até mil, se necessário. Se conseguirem não reagir violentamente, vocês se sentirão mil vezes melhor depois, e seu filho também.
- Se vocês perderem o controle alguma vez, extrapolando também os limites, devem saber reconhecer isso, falando à criança que estavam nervosos, cansados, ou outro motivo, mostrando-lhe que também estão sujeitos a falhas, se desculpendo.
- Mas se estiverem perdendo a paciência e o controle sempre, é melhor pedir ajuda a alguém, de preferência a um profissional, além de tentar arranjar um tempo para si a fim de extravasar o estresse, seja passeando, fazendo ginástica, se cuidando etc. Aliás, ter um tempo para si, e/ou para o casal, é uma necessidade dos pais que deve ser atendida antes que o pior aconteça. Cuidem de si e do relacionamento de vocês, não deixando que os filhos ocupem 100% de seu tempo, nem que sejam culpabilizados pelas suas dificuldades.
- A mãe (ou o pai) não deve dizer para o filho: “Espere seu pai (ou sua mãe) chegar que você vai ver!”, ameaçando que o pai baterá nele assim que chegar em casa. O pai, que nem está sabendo da questão, se vê obrigado a agir violentamente e totalmente fora de contexto. Esse tipo de atitude não ajuda, destrói a autoridade materna e transforma o pai em um carrasco, reduzindo sua intervenção à função punitiva.
- Ameaças a crianças pequenas também não funcionam porque dizem respeito ao futuro, enquanto elas só entendem o tempo presente. O mesmo vale para promessas suas e delas.



- Outra dica é não dar muita atenção a pequenas bobagens para não desgastar o relacionamento e o clima no cotidiano da família.
- Se precisarem impor uma consequência a um comportamento ou erro mais grave da criança, que ela sabia que não podia cometer pois já havia sido corrigida uma vez e recebido as explicações necessárias, vocês podem tirar alguma coisa de que ela goste (programa de TV, passeio, mesada etc.), sem lhe dar algo de ruim. Isso deve ocorrer logo após o fato e a consequência deve estar relacionada logicamente ao mesmo, envolvendo somente a criança e não os irmãos ou toda a família. Deve ser acompanhada das necessárias explicações e aplicada na medida da condição e capacidade da criança.
- Não se deve privar a criança de coisas extremamente importantes (o aniversário do melhor amigo, uma viagem programada há muito tempo etc.), pois o efeito pode não ser o esperado, causando-lhe desespero e revolta.
- É importante saber que esse tipo de “sanção” funciona quando a criança já é capaz de associar o ato à consequência, a partir de 2 anos e meio - 3 anos; antes disso, a criança dificilmente entenderá. A “sanção” deve ter sempre um fim educativo e nunca punitivo ou vingativo, nem para mostrar que são os pais que mandam.
- Vocês devem evitar levar crianças, sobretudo as pequenas, a programas ou tarefas de adultos (supermercado, compras no shopping, bancos etc.), se isso for possível, para prevenir aborrecimentos para ambas as partes.
- Procurem ter momentos de lazer com seus filhos, passeando, brincando e se divertindo com eles. Isso os aproximará em todos os sentidos.



- Quando forem ao médico ou viajar, a dica é preparar um kit simples para a criança se distrair, com, por exemplo, lápis, papel, um brinquedo ou um jogo.
- É importantíssimo ensinar valores aos filhos, como responsabilidade, amizade, coragem, gratidão, perseverança, lealdade e fé, bem como o que é certo e errado para a vida em sociedade. Isso deve ser feito com base em exemplos concretos, de preferência fundamentados em sua própria maneira de ser e viver (ética, reta, responsável), pois é na família que se estruturam as características sociais, éticas e morais da criança.
- Outros valores também contribuem para a não-violência, como, por exemplo, o do trabalho honesto, não esperando que as coisas venham à mão sem esforço; a cordialidade e o respeito para com os outros para ser também bem tratado e respeitado; ser responsável por aquilo que se faz.
- Agressividade e violência são, em geral, resultado de uma educação com excesso de limites (impostos com a força, de modo autoritário ou violento) ou com ausência de limites, superproteção e falta de incentivo à responsabilidade, cuja consequência é a falta de condições de viver em sociedade de modo pacífico e respeitoso em relação aos outros.
- Quem não aprende a ter e a respeitar limites cresceu centrado em si mesmo e tem uma percepção deformada do outro e do mundo. Isso gera desinteresse, dispersão, incapacidade para tolerar frustrações e contrariedades, falta de persistência, impulsividade, hiperatividade*, irritabilidade, instabilidade emocional, pseudo-insegurança ou insegurança, desrespeito pelas pessoas, descontrole, condutas agressivas, atos anti-sociais, uso de álcool e drogas, entre outros distúrbios psicológicos ou até psiquiátricos.



- Frisamos aqui as dicas referentes à educação de crianças (mas que também valem para adolescentes), pois se os limites são bem construídos ao longo do desenvolvimento infantil, uma boa e sólida base estará estabelecida para o período da adolescência.
- Com um relacionamento positivo, construtivo, afetivo, com atitudes que valorizam e fortalecem, sem violência, vocês possibilitarão aos seus filhos uma vivência interpessoal fundamental, permitindo que eles a estendam à vida social, interagindo positiva e não violentamente com o mundo.

* Hiperatividade é atividade em excesso, de várias formas e instável, que pode surgir em algumas doenças ou como o próprio problema; nesse último caso, pode afetar crianças, adolescentes e até adultos, e incluir problemas de aprendizagem, de linguagem, de memória, de atenção e de comportamento, impulsividade e instabilidade emocional.



Educação sexual preventiva*

Dicas para prevenir abuso e exploração sexual por meio da educação em casa

Segundo pesquisa em nossas fontes:

- As vítimas de abuso e exploração sexual são, em sua maioria, meninas com idades entre dois e 17 anos. A idade média se situa em torno dos dez anos.
- Meninas de seis a 11 anos de idade têm maior probabilidade de sofrer abuso sexual na própria família, enquanto adolescentes de 12 a 14 anos correm mais risco de ser vítima de abuso e/ou exploração sexual comercial fora da família. Os abusos cometidos contra crianças de menos de seis anos de idade aparecem em menor número, provavelmente pela incapacidade delas de identificar uma situação de abuso e de falar sobre isso com outras pessoas que não sejam seus próprios pais.
- Se, por um lado, crianças de seis a 12 anos mostram maior facilidade de identificar e encontrar saídas para tentativas de abuso que vêm de fora da família, por outro, elas não têm êxito quando se trata de abuso sexual incestuoso. Isso porque elas se calam para evitar a separação dos pais, a possibilidade de prisão do autor do abuso ou o sentimento de culpa pela desestruturação familiar. E é por essa razão que é do adulto a responsabilidade primordial de prevenir os abusos sexuais contra crianças.
- Na maioria dos casos, essas vítimas vivem em uma família aparentemente sem problemas ou desestruturação, o que dificulta sua identificação como pessoas em situação de risco.
- Em aproximadamente 90% dos casos, o autor do abuso sexual é homem, adulto e próximo da criança, mais frequentemente o pai ou o padrasto. Em cerca de 10% dos casos, o autor do abuso é de fora da família e totalmente desconhecido da criança ou do adolescente.
- Em grande parte dos casos, a criança demora para revelar os abusos sofridos justamente porque sente medo, vergonha e, em geral, porque a pessoa que abusa é alguém de quem ela gosta ou ama e que, além disso, faz chantagens afetivas e ameaça a criança.
- Só uma parte muito pequena dos casos, menos de 1/3 deles, é denunciada a órgãos de proteção. O restante não chega a ser revelado (contado) nem desvelado (descoberto, sem que a criança conte), justamente em função dos tabus e do muro do silêncio que ainda protege a família.



Vocês devem se perguntar:¹

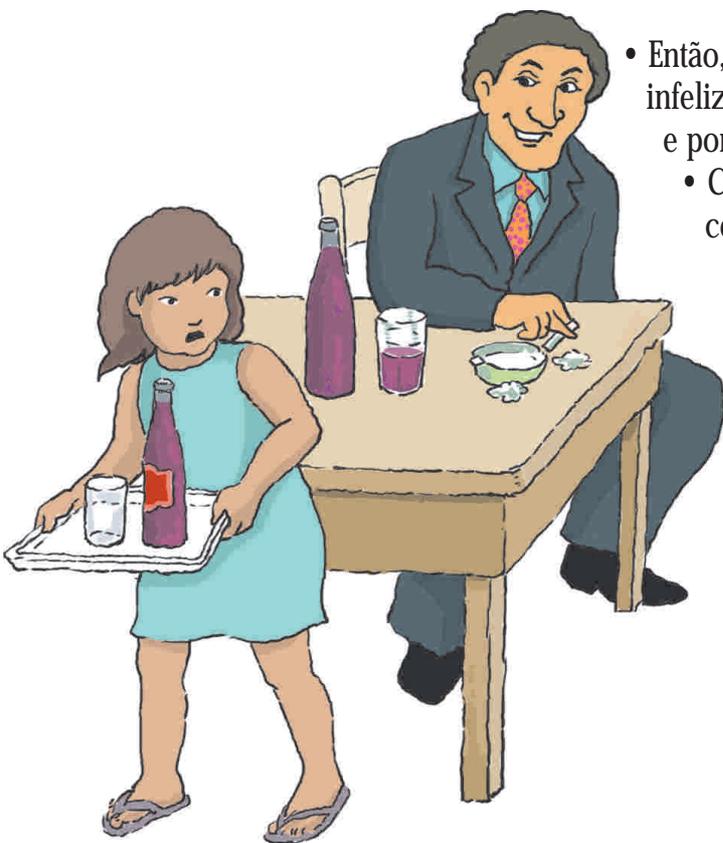
Como tratar a questão dos abusos sexuais com meus filhos, principalmente sabendo que a maior parte dos abusadores está dentro de casa?

Como falar do assunto com eles sem assustá-los?

Como informá-los e fazê-los ficar atentos a possíveis perigos sem levá-los a considerar como ameaçadora toda situação que envolva sexualidade?

O que podemos fazer para nós, pais e educadores, não confundirmos abusos sexuais e jogos sexuais saudáveis entre crianças e adolescentes?

- A questão do abuso sexual e da exploração sexual comercial, em geral, não é discutida com os filhos, o que muitas vezes ocorre com o próprio assunto da sexualidade. Alguns pais são incapazes de pronunciar tais palavras nas conversas com os filhos.
- Sabe-se hoje em dia que a maior parte dos abusos sexuais contra crianças é cometida pelos próprios pais ou outros familiares próximos, ou ainda por amigos da família, o que torna ainda mais difícil a situação. Esses abusos são os que demoram mais tempo para serem desvelados ou revelados.



- Então, como dizer à criança que aquele que abusa pode ser, infelizmente com frequência, uma pessoa que ela ama e por quem ela se sente amada?
- Como informar e formar as crianças sem minar a confiança básica que elas têm e precisam continuar tendo nos adultos que cuidam delas?

*A prevenção dos abusos e da exploração pode acontecer de modo tranquilo se:*²

- as informações forem transparentes;
- se forem dadas de maneira calma e segura;
- e se a intervenção da família (de educação geral, sexual e de prevenção dos abusos) transmitir à criança o sentimento de que ela tem direito ao respeito e pode fazer algo quando sentir que um adulto a trata de um modo que ela não gosta.



Assegurar a proteção de seu filho não se limita então a protegê-lo de um bicho-papão, de um monstro, de um tarado ou de um abusador sexual desconhecido.

E aí vocês perguntarão: mas temos que chegar ao ponto de dizer a nossos filhos que tomem muito cuidado com o que faz seu pai (mãe) ou seu irmão (irmã) mais velho(a)? Ou fazê-los fugir de todos os homens que se aproximam deles?*

Não, não é isso! A idéia é:

- ensiná-los a identificar ou reconhecer os gestos sexuais abusivos vindos de qualquer pessoa, seja ela da família ou não;
- mostrar-lhes como se proteger deles;
- indicar-lhes onde, como e com quem buscar ajuda.

Esta parte do guia pretende fornecer os elementos fundamentais dessa educação a fim de ajudá-los a tornar sua criança/adolescente mais forte e em melhores condições de se proteger! A educação em casa ainda é a melhor via para isso!

Como ser pais conscientes e protetores*

- Mesmo sabendo que os abusadores e exploradores sexuais são homens, em sua maioria, é importante ter consciência de que eles são, ainda bem, minoria na totalidade do sexo masculino. Por isso, não se pode produzir pânico nas crianças em relação à figura masculina. Isso prejudicaria de antemão a vinculação afetiva da criança com figuras importantes em sua vida (pai, avô, tio). A confiança é essencial em todo vínculo afetivo. Por isso, é necessário tomar muito cuidado para não atacar diretamente o sexo masculino com o intuito de ensinar seu filho ou sua filha a se proteger. Há outros meios para se chegar a esse resultado.
- Superproteção, vigilância e inquietação excessivas podem gerar medo, angústia e até pânico nas crianças, o que pode ter um efeito contrário na consciência e auto-defesa delas.
- Alguns pais e responsáveis do sexo masculino se sentem incomodados com essa discussão e se questionam se poderão continuar sendo fisicamente carinhosos e próximos a seus filhos, e em que medida podem fazer isso sem despertar suspeitas nos outros.



- Quanto aos carinhos físicos – dica que vale para pais e mães, homens e mulheres – as regras são as mesmas para os filhos e filhas: deve haver um limite, isto é, os carinhos não podem ser sensuais ou estimulantes da sexualidade. A diferença sutil entre um carinho afetivo e outro mais sensual é passível de ser percebida por pais e filhos. Os pais e mães devem estar atentos a seus próprios sentimentos quando acariciam os filhos, isto é, aos sentimentos que são despertados quando fazem esses carinhos: se vão além da afeição filial e despertam desejos, excitações e fantasias sexuais, algo está errado.
- Uma outra e simultânea forma de verificar isso é estarem atentos às reações de seus filhos. Vocês podem achar um carinho normal e ingênuo, mas se percebem que seu filho não gosta muito, se afasta e diz que não quer ou escapa de fininho, então algo não vai bem.
- O que deve estar absolutamente claro é que a RESPONSABILIDADE primeira de perceber e colocar esses limites é do ADULTO, e não da criança. Portanto, toda culpabilidade também deve ser atribuída ao adulto.
- Por exemplo, um menino ou uma menina de três anos pode pedir a seu pai ou sua mãe para mostrar-lhe suas partes íntimas, querendo tocá-las. Vocês é que terão de estabelecer o limite entre uma curiosidade, natural da idade, e um contato íntimo demais, inadequado entre pais e filhos.
- No entanto, conscientes de que o abuso sexual incestuoso existe e é muito mais freqüente do que se imagina, se algum de vocês consegue perceber uma atração sexual em direção a seu filho ou a sua filha, resistível ou não, ou sente mudanças físicas explícitas – como ereção, desejo de se masturbar ou até de tentar qualquer ação – no contato com eles, ou dando-lhes banho ou quando vêem seus corpos nus, não espere que isso aconteça! Reaja buscando ajuda especializada o mais rápido possível, pois você corre o risco de produzir um drama em sua família, com conseqüências drásticas para todos, principalmente para a criança.



- Aliás, saibam que a criança já percebe emoções e sentimentos que gera nos pais, a partir de aproximações, determinadas atitudes e contatos, mesmo que essas emoções ainda não tenham virado gestos e atos. Isso já prejudica a criança, que começa a ter reações de afastamento, recusa, medo, angústia ou confusão mental, o que se reflete em seu comportamento em casa e na escola. Por isso, estejam atentos e não tenham medo de procurar ajuda enquanto há tempo de prevenir ou remediar a situação.

Baseado em Robert, 2000, p.21



Como explicar de modo claro e simples a seu filho sobre a exploração e os abusos sexuais

- Primeiramente, conhecendo o que é abuso sexual e exploração sexual comercial. Para isso, vocês terão este guia, o guia para crianças e adolescentes (que deve ser lido por vocês também) e o programa de apresentação e discussão dessas questões, dado por profissionais capacitados para trabalhar com esses temas.
- Conscientes e mais seguros, procurem um momento propício, conforme a orientação que apresentamos no início do guia.
- Encontrando esse momento, não hesitem: sejam claros, breves e firmes, digam o que têm a dizer, sem meias-palavras e com termos e exemplos que a criança possa compreender. Não se esqueçam que o abuso sexual é uma total abstração para a criança, assim como outras questões mais simples sobre sexualidade. Cada um vai achar seu jeito próprio de falar, porém segue aqui um exemplo:

“Se um homem ou uma mulher, seja ele quem for, quer ver ou mexer em alguma parte íntima de seu corpo (use o termo que melhor se adapte à criança e à situação: pipí ou similar, perereca ou similar), ou se convida você para encostar a mão no genital (por exemplo: pinto ou similar; bunda ou similar) dele ou dela, ou se pede que você a acompanhe sem que a gente saiba ou tenha permitido, ou convida você para participar de brincadeiras ou tirar fotos sem roupa, não deixe, procure se livrar ou sair dessa situação e venha contar para nós, a mamãe ou o papai, ou para alguém em quem você confie naquele momento, que pode ser sua professora, um amigo ou amiga mais velha. Esse homem ou essa mulher pode ser alguém que você nunca tenha visto antes, mas também pode ser alguém da nossa própria família.”

- Do mesmo modo que devemos ensinar à criança a atravessar uma rua sem o risco de ser atropelada, a lavar as mãos antes de comer para não pegar “micróbios” etc., devemos ensiná-la também a se prevenir contra o abuso e a exploração sexual comercial (e, de preferência, contra todos os tipos de violências).



A melhor prevenção

- Em primeiro lugar – e o que parece mais óbvio –, é lutar para não ser um pai ou uma mãe abusadores, isto é, ao menor sinal de sentimentos incomuns em relação aos filhos, procurar ajuda o mais urgente possível! É difícil, mas não impossível! Quem sabe alguém com essas tendências ou atitudes já consumadas possa se sensibilizar, lendo este guia, com respeito a seu problema e aos prejuízos que pode causar a seus próprios filhos ou outras crianças e adolescentes. Que essa pessoa possa procurar ajuda e tratamento antes que cometa algo contra eles e contra si mesmo, o que causará muitos traumas e dificilmente poderá ser reparado.
- Em segundo lugar, é procurar ajuda e/ou tratamento se você – pai, mãe ou responsável –, foi vítima de algum tipo de violência em sua infância ou adolescência, sobretudo a familiar, porque as consequências dessas violências atingem bastante o relacionamento com os filhos e muitas vezes fazem com que você repita neles a violência que sofreu, ou se torne permissivo demais para evitá-la, ou deixe de enxergar a violência que é cometida contra o filho pelo seu parceiro (marido, mulher, companheiro), porque não é capaz ou não consegue.
- Em terceiro lugar, e não menos importante, é batalhar muito, desde o início da vida com seus filhos, para construir um vínculo afetivo forte e de confiança, com muito espaço para a escuta, o diálogo, o aconchego, a proteção. Como pais, não podemos ter a ilusão de que seremos os amiguinhos de nossos filhos, pois nossa função não é essa. Temos de lutar para ser o porto seguro e para termos sempre canais abertos de diálogo e apoio.
- Em quarto lugar, é tratar a sexualidade como um tema de bate-papo e discussão tão importante quanto outros, sem medos nem tabus que possam impedir que isso seja falado e “ventilado” nas conversas em casa.
- Outra atitude fundamental é acreditar sempre em seus filhos, mesmo que a revelação de um certo fato possa causar, a princípio, estranheza (por exemplo, se ele ou ela lhe diz que papai tem acariciado demais suas partes íntimas, pedindo que não conte isso para ninguém e você nunca desconfiou disso). É crucial e mesmo vital que os pais e responsáveis acreditem no que os filhos lhes falam dando apoio incondicional, tomando providências urgentes, pois raramente crianças inventam ou mentem sobre abusos ou exploração sexual. Crianças pequenas, então, jamais mentem sobre essa questão. Afirmções falsas (criança inventar a violência sexual), quando surgem, ocorrem em geral em um contexto de disputas e conflitos entre os pais a respeito da guarda dos filhos ou de regulamentação de visita em processos de separação judicial. Negações falsas (criança ser vítima, mas negar) são, ao contrário, mais comuns do que se imagina, pois muitas crianças negam ou voltam atrás em seu depoimento quando percebem que os pais podem ser punidos (presos) ou, no caso dos pais serem afastados de casa, quando elas se dão conta de que eles podem voltar porque não há um controle 24 horas por dia, ou quando imagina que a revelação possa causar a separação dos pais.



Educação sexual antes de tudo:

- Para entender de modo simples o que são os abusos sexuais e a exploração sexual comercial, a criança deve ter recebido noções de sexualidade* de acordo com seu grau de desenvolvimento e maturidade.
- É importante que ela já saiba diferenciar os sexos, que ela já saiba como os bebês são feitos, tenha noções de amor, desejo e prazer ligadas à questão sexual, e que saiba quais atitudes sexuais são próprias da infância ou adolescência e quais são aquelas que fazem parte da vida sexual adulta. Assim, poderá diferenciar entre comportamentos sexuais que são saudáveis, comuns, esperados, e aqueles que não o são.
- É fundamental também que a criança aprenda um vocabulário sexual correto, o que não quer dizer aprender a falar palavrões. Isto é, ela deve saber nomear partes do corpo e atitudes ou comportamentos sexuais para poder descrever solicitações ou abusos propriamente ditos.
- E isso deve começar cedo na vida da criança, também em momentos propícios do cotidiano, assim que ela própria começa a descobrir de sua sexualidade e a perguntar sobre seu corpo, o corpo dos outros etc.
- Não devemos ter medo de tocar nessas questões e dialogar sobre elas com nossos filhos, pois o silêncio pode perturbá-los, angustiá-los e colocá-los em situação de risco por falta de informações e ausência de um canal de diálogo e apoio.



* Não está nas possibilidades deste guia fornecer educação sexual ou indicar materiais didáticos sobre sexualidade na infância e na adolescência, mas esse conhecimento essencial pode ser alcançado com a ajuda dos educadores que orientam o trabalho com o guia.



Educação sexual para proteção:*

- Uma vez construída essa base de informações, por meio do diálogo com seus filhos, chega a hora de informá-los sobre as situações para as quais podem dizer SIM e aquelas para as quais têm o direito e o dever de dizer NÃO. Aproveite-se de circunstâncias propícias, como já dito, e utilize-se de criatividade e humor, sem atemorizá-los.
- Por exemplo, SIM para a curiosidade sexual espontânea e própria da idade da criança; SIM para as brincadeiras ingênuas entre meninos e meninas, meninos e meninos, e meninas e meninas, da mesma faixa etária, que fazem parte da descoberta da sexualidade, que não têm maiores conseqüências, que ocorrem em igualdade de condições e que têm limites respeitosos também.
- NÃO para qualquer pessoa que, sob pretexto de ensinar a nadar, dançar ou outra atividade com o corpo, toca na criança com o fim de obter prazer; ou para aquele que solicita favores sexuais em troca de algo (presentes, dinheiro, nota na escola etc.); NÃO para qualquer estranho ou mesmo conhecido que insiste em fazer a criança acompanhá-lo em uma situação para a qual ela não foi preparada ou prevenida; NÃO para qualquer pessoa, mesmo parente, pai, mãe, avô, tio, irmão, que tente se aproveitar da criança tocando em suas partes íntimas, obrigando-a a tocá-lo(a) ou outro tipo de situação.
- Se um dia você surpreende sua filha ou seu filho brincando de médico com um amiguinho, você pode aproveitar a situação e preveni-la: “Nunca faça isso com alguém maior que você, um jovem ou um adulto, mesmo que seja da nossa família, está bem?”, explicando com calma as razões. Certifique-se também de que ela ou ele já entendam o que quer dizer NUNCA.
- NÃO também para o filho que insiste em casar com mamãe quando crescer, ou a filha que afirma que casará com o pai quando ficar grande, ou para os que insistem em estar sempre íntimos em banhos, na cama ou situações similares. Nem os filhos têm direito de ter qualquer tipo de contato sexual-amoroso com os pais, nem os pais com os filhos. Isso as crianças entendem bem se receberem os limites corretos. É essa a proibição fundamental que deve ser a base da família!
- À medida que essa proibição é firmemente estabelecida na família, deve-se também ir assinalando à criança que existem pais que se comportam de maneira errada com seus filhos, como se estes fossem adultos. Além disso, deve-se completar dizendo que isso não é um comportamento normal, sendo condenado pela lei e pelos costumes, e que pais que fazem isso têm graves problemas, devendo ser denunciados, responsabilizados e tratados por essa razão.

*Baseado em Robert, 2000, p.32-33



- Uma outra maneira de prevenir abusos é não insistir para que seu filho dê beijos ou faça carinhos em quem quer que seja, conhecido ou estranho, sem que isso venha espontaneamente dele. Incentivar a sociabilidade ou a boa educação da criança não tem nada a ver com fazê-la demonstrar comportamentos amorosos em direção às pessoas, se ela não deseja isso ou se ela não o demonstra de modo espontâneo. A criança deve poder decidir sobre os gestos afetuosos que quer demonstrar, para quem e em qual momento, e deve receber orientação quando o fizer de modo inadequado também.*
- Se a criança é sedutora demais espontaneamente, cabe também ao adulto, pais ou responsável, ensinar-lhe os limites dessas atitudes, dizendo-lhe que não é seduzindo com gestos excessivamente amorosos que se consegue ser querida, respeitada e admirada, e que tais comportamentos podem colocá-la em situação de risco.
- Também não é bom fazer com que a criança assimile a idéia de que deva obediência absoluta a todo adulto*. É extremamente arriscado educar crianças submissas e pouco autênticas.
- Outra coisa: tomar cuidado ao ensinar os filhos a fazer boas ações ou a ser muito bem educados com toda e qualquer pessoa. Essas atitudes não podem comprometer sua segurança em nome da boa educação. Por exemplo, se se quer ensinar a criança a ajudar alguém na rua, uma pessoa mais velha, deve-se frisar que ela pode fazer isso se estiver com alguém, em local de movimento e jamais aceitando se isolar com essa pessoa estranha.
- É importante igualmente não associar a palavra amor com toda manifestação da sexualidade, com o objetivo de construir na criança a idéia de que só se pode fazer sexo com amor. Essa mensagem não é totalmente verdadeira e é até bastante ambígua, podendo fazê-la acreditar que toda atitude sexual é um sinal de amor ou então que o amor não pode ser expresso fora da sexualidade, nem a sexualidade fora do amor. Se fizermos com que as crianças acreditem que amor e sexo são indissociáveis, como elas poderão identificar o abuso sexual cometido por alguém que ela ama? Como um gesto de amor? A partir disso, que idéia poderá fazer da exploração sexual comercial? Portanto, muito cuidado ao passar essas idéias aos filhos.*
- Estejam também bem atentos às reações de seus filhos em relação às pessoas. Por exemplo, por que sua filha exprime um medo estranho quando uma determinada pessoa tão conhecida ou familiar se aproxima? Ou mesmo se não for um sentimento claro, por que seu filho se arrepia, fala que tem dor de cabeça ou se mostra extremamente incomodado quando você lhe fala que vai deixá-lo com o avô, um tio ou outra pessoa? Atenção!



- Quanto à educação de meninas, principalmente, procurem não estimular cedo demais comportamentos e atitudes que podem fazer avançar o desenvolvimento sexual. A televisão, com alguns programas “infantis” que estimulam a cultura da “ninfeta”, além de outros programas supostamente para jovens e adultos, que são veiculados especialmente nos fins de semana em horários acessíveis a crianças, são alguns dos fatores que contribuem para a aceleração da puberdade e da adolescência. Crianças, às vezes bem pequenas, já dançam, rebolam e cantam músicas com conteúdos sexuais impróprios para a sua idade. Além disso, usam roupas sensuais e muitas vezes se pintam e se mostram como mini-adultas. Por isso, em casa, procurem selecionar os programas para as crianças e evitem estimulá-las a usar roupas, pinturas e acessórios adultos, mesmo que elas fiquem uma graça e despertem elogios ao seu redor. Deixem a criança ser criança o máximo possível e proporcionem a elas programas educativos, criativos e adequados para sua faixa etária.
- Há um exercício interessante para fazer com os filhos que pode ajudá-los a ter em mente quais são as pessoas em quem eles podem confiar. Faça uma lista com seu filho e/ou sua filha, pedindo que eles indiquem quem são as pessoas confiáveis, bem como por que elas merecem essa confiança. Esse é um modo também de perceber como seus filhos vêem as pessoas que os rodeiam e de tomar alguma atitude preventiva caso eles mostrem reticências em relação a alguém próximo, ou mesmo indiquem claramente alguém que não seja digno de sua confiança.*



- É fundamental igualmente que, desde que seus filhos já tenham capacidade para isso, vocês os ajudem a memorizar seu nome completo, endereço, telefones de casa, do trabalho de vocês e de pessoas próximas e de confiança que podem ajudar em um momento difícil, de dúvida ou de perigo.*
- Expliquem-lhes também que não se pode dar informações pessoais, endereços e telefones a pessoas estranhas que lhes peçam esses dados. Salvo se estiverem completamente perdidos e não tiverem outros meios de solicitar ajuda.*

*Baseado em Robert, 2000, p. 48-50



- Acostumem seus filhos a manter-se próximos de vocês quando estiverem na rua ou em um grande centro comercial, em lugares de grande movimento, e já combinem que, se acontecer de vocês se perderem, eles devem procurar o balcão da loja mais próxima do local onde vocês se separaram, pedindo a alguém que lá trabalhe para chamá-los ou a algum segurança que possa encontrá-los. Assim, essas pessoas – funcionário fixo de um local comercial ou o segurança do local – tornam-se as pessoas designadas como de confiança em uma situação de emergência*. Se isso acontecer na praia, essa pessoa de referência pode ser o salva-vidas ou alguém que trabalhe em um quiosque fixo. E assim por diante.
- A criança em idade escolar já tem capacidade suficiente para tomar algumas providências em situação de urgência, como por exemplo quando você combina de buscá-la na porta da escola ou em outro local, porta do shopping, cinema etc. e não chega na hora certa por alguma razão. Ou quando ela chega em casa sozinha (como acontece com muitas crianças) e vocês se atrasam ou não podem chegar no horário combinado. Procure ensinar-lhes saídas e alternativas nesses casos, como ficar na escola, esperar dentro de uma loja x ou y, ir para a casa de um vizinho, entre outras*.
- Procurem também precaver crianças e adolescentes que vão à escola a pé, sozinhas ou acompanhadas, em relação a várias possibilidades. Por exemplo, ensinem-lhes percursos diferentes para que eles variem os caminhos durante a semana. Se forem acompanhados de colegas, digam-lhes para não se afastarem do grupo em nenhuma hipótese. O mesmo vale para aqueles que vão de ônibus ou metrô. Busquem informações sobre a existência de locais perigosos no percurso que eles fazem e dêem-lhes dicas de como reagir ou não reagir dependendo da situação (por exemplo, em um assalto no ônibus). Orientem seus filhos, mesmo adolescentes, a não ir a lugar algum sem antes avisá-los e/ou sem ter autorização de vocês para isso.
- O mesmo serve para o caso de seus filhos estarem sob a responsabilidade de outros adultos, como, por exemplo, outros familiares, pais de amigos, professores ou monitores em uma excursão ou passeio etc. Os filhos devem saber que não podem se afastar ou fazer coisas diferentes sem que a pessoa responsável por eles, naquele momento, seja informada e dê autorização. Em certos casos, ainda, essa pessoa responsável pode ter de consultar vocês (pais) antes de autorizar qualquer coisa e seus filhos deverão ser alertados sobre isso*. Essas medidas de cautela, que podem parecer exageradas para eles, certamente muito os protegerão em todas as situações.



- Em todo caso, deixem claro para seus filhos que eles devem saber informações (telefones e nomes) de pessoas a quem pedir ajuda, que não podem sair da sua casa, da casa de amigos ou da escola com quem quer que seja sem a permissão de vocês, e que somente os pais podem autorizá-los a sair ou a ficar com alguém em sua ausência.*
- Além disso, é sempre bom frisar que hoje em dia é desaconselhável que uma criança ande sozinha na rua, para ir a qualquer lugar, especialmente nas grandes cidades. Se isso for inevitável, formem grupos com os colegas que também têm de ir à escola sozinhos ou, de preferência, façam um rodízio com pais de outras crianças para acompanhá-los.
- Para crianças e pré-adolescentes que andam sozinhos, por menor que seja o percurso, tenham o cuidado de não deixar nome e endereço visíveis nas roupas ou na mochila da escola. Se seu filho carrega a chave de casa, procurem fazer com que ela fique em lugar seguro e não visível. Mostrem-lhe os lugares pelos quais vocês não querem que eles passem e expliquem-lhes as razões. Assegurem-se de que eles tenham sempre consigo algum dinheiro e um cartão de telefone.*
- Por último, lembrem-se disso: falem sobre as coisas com seus filhos e eles também falarão com vocês; escutem sempre o que têm a dizer e eles também os escutarão; respeitem seus filhos incondicionalmente e em qualquer situação e eles os respeitarão e se farão respeitar.



- Os abusadores, de qualquer tipo, são tão hábeis no uso de seu poder sobre a criança que conseguem fazê-las carregar a culpa que é só deles. A criança não só se sente culpada, como tem medo de ser rejeitada e punida se revelar a alguém o abuso que sofre. Portanto, é fundamental que toda criança saiba, perceba e compreenda primeiramente que pode falar livremente de fatos que dizem respeito à sexualidade sem que isso provoque recusa ou pânico nos pais. E, em segundo lugar, que em toda situação de abuso e exploração a culpa é sempre do adulto que os comete.

*Baseado em Robert, 2000, p. 74 e 85



Quem são os abusadores:

- Para prevenir os filhos de um abusador sexual potencial – pedófilo, incestuoso ou outro desconhecido ou até invisível (caso da pornografia infantil pela internet) –, o mais importante é dizer-lhes que tal pessoa não vem vestida de monstro ou bicho-papão, e que não é necessariamente uma pessoa feia, fedida. Pelo contrário. Mais freqüentemente, o abusador é alguém como todo mundo e tem uma “cara” comum, isto é, pode ser trabalhador, pai de família, visto como bom pelos outros, respeitado pela vizinhança, bonito, charmoso, sedutor; pode ser até um de seus familiares mais queridos ou o professor, o monitor, o chefe da equipe, o treinador esportivo, de quem se gosta, a quem se admira e em quem se tem confiança.

O abusador da própria família (grande maioria entre os abusadores): na maior parte das vezes, é difícil de se prevenir contra ele, que vai se aproveitando de uma relação de amor parental ou fraternal e dessa confiança, para satisfazer desejos sexuais usando as crianças. Mesmo assim, há alguns sinais disso: um parente (entendendo-se até o pai ou a mãe), que tem um interesse especial por um dos filhos, sobrinhos etc, dando-lhe também privilégios demais ou recompensas ou se interesse demais pelos locais onde as crianças ficam, brincam ou dormem; explicações contraditórias ou evasivas em relação ao mal-estar físico e/ou emocional da criança; emprego de meios inadequados e desmedidos no cuidado dos filhos; consumo de material pornô-erótico, sobretudo aqueles em que crianças e adolescentes são usados. Esta pessoa, que, freqüentemente, tem uma fachada comum, de princípios e valores aparentemente incontestáveis, em geral não considera o sofrimento da criança que ela abusa. Na maioria dos casos, é um pai ou um homem que ocupa o lugar de figura paterna, que se convence a si mesmo de que a criança gosta do que ele faz, o que é uma grande mentira. Ele age como dono de seu filho ou sua filha e chega ao ponto de atribuir um valor educativo a sua conduta. Quando descobertos, a maioria deles revela ter sido vítima de abusos sexuais incestuosos também.

Situação similar é a do abusador “amigo” da criança, que se aproveita da proximidade por amizade com ela ou sua família, ou do fato de ter autoridade sobre ela ou ser admirado por ela, para subjulgá-la a seus desejos. Nesse caso, encontra-se, por exemplo, uma babá ou empregada da família, um treinador esportivo, um professor, um monitor de um acampamento, entre outras possibilidades. Graças a sua colocação profissional e, freqüentemente, um jeito especial de lidar com as crianças e adolescentes, ganha a confiança deles e de seus pais por se mostrar acolhedor, devotado, compreensivo e solícito.



- O autor desconhecido de abuso é aquele que não faz parte do ambiente habitual da criança, agindo de uma forma como se aparecesse por acaso no caminho dela. Mas seu ato é em geral bem planejado. Pode ser uma pessoa em um carro bonito que fica perto da escola, ou outra que vagueia pelo parque onde crianças brincam, ou mesmo uma pessoa idosa dizendo que perdeu seu cão, ou então alguém desesperado que pede ajuda, ou até um jovem que oferece interessantes brinquedos eletrônicos ou diz que sua cadela acabou de ter cachorrinhos. Para esse tipo de abusador, qualquer criança é uma vítima em potencial pelo simples fato de ser pequena, frágil e vulnerável a influências. E nesse caso, não adianta enfrentar a situação: a única saída é ensinar a criança a se afastar rapidamente e buscar alguém que a proteja, seja aproximando-se de um grupo de pessoas ou entrando em alguma loja, por exemplo. Pré-adolescentes e jovens adolescentes rebeldes, temerosos ou mesmo ansiosos para colocar à prova a autoridade dos pais ficam muito vulneráveis em relação a um possível abusador, revelando-se presa fácil.

- O abusador invisível, que viaja na internet, costuma ter acesso a uma quantidade enorme de material pornográfico com imagens de crianças e adolescentes, procurando-as justamente para alimentar seu erotismo às avessas. Sente-se confortado em seu desvio apoiando-se em grupos de apoio aos pedófilos virtuais. Aqueles que exploram as imagens, conseguindo-as de crianças e adolescentes para comercializá-las na rede, são piores ainda. O mais absurdo é saber que existem até associações e clubes que querem legitimar esse tipo de abuso, divulgando suas idéias por meio de boletins, ensinando seus membros sobre as melhores maneiras de seduzir uma criança e estimulando-os a consumir produtos pornográficos nos quais aparecem crianças e adolescentes. Contra esse tipo de abusador, a melhor arma é bloquear o computador de sua casa para o acesso a sites que contenham pornografia, pedofilia e violência. Além disso, se seu filho tem entre seis e doze anos de idade, coloque o computador em uma sala à qual todos têm acesso. Ensine seu filho a jamais transmitir pela internet qualquer dado de identificação (nome, apelido, endereço de casa, da escola etc.).



Como agir se seu filho ou sua filha revela a vocês uma situação de abuso ou de exploração sexual*:

- Primeiramente, escutá-lo(a) com atenção e atitude de acolhimento.
- Encorajá-lo(a) a falar, sem colocá-lo(a) contra a parede e sem você se desesperar.
- Utilizar os mesmos termos que eles para falar a respeito.
- Tentar delicadamente ajudá-lo(a) a dar detalhes sobre o fato se ele(a) fala de maneira muito vaga.
- Não fazer julgamentos, críticas, nem dar broncas.
- Mostrar que o(a) compreende e o(a) aceita. Essa atitude é determinante no processo de recuperação da auto-estima da criança e no restabelecimento da capacidade de confiança no adulto.
- Dar segurança à criança dizendo-lhe que ela fez bem de lhe contar o ocorrido.
- Afirmar ao filho(a) que em nenhuma hipótese ele(a) é responsável ou culpado(a) pelo que aconteceu.
- Oferecer-lhe apoio e proteção, prometendo que o(a) ajudará e cumprindo sua promessa imediatamente ou o mais rápido possível, tomando providências práticas (em casa, na escola etc., conforme o caso) e denunciando o autor do abuso.

*Mamãe,
o tio me
deu um
presente
para eu
sair com ele*



Denúncia

A denúncia é um dos meios mais importantes de prevenção e de enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes.

- O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) indica que:
 1. Submeter a criança ou o adolescente, sob sua autoridade, guarda ou vigilância, a qualquer tipo de violência é crime punido com detenção.
 2. Todos têm o dever de prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos das crianças e dos adolescentes.
- Assim, qualquer pessoa que suspeitar ou souber que uma criança ou um adolescente está sendo vítima de violência pode (ao cidadão comum é facultativo) e deve (o servidor público tem a obrigação) fazer uma denúncia – de forma anônima ou identificada – a uma autoridade ou a um serviço que receba denúncias e tenha a obrigação de encaminhá-las a autoridades competentes por meio de notificação.
- As autoridades responsáveis por receber e atender a denúncias desse tipo são as Delegacias (de Polícia, de Defesa da Mulher e especializadas em crimes contra crianças e adolescentes), os Conselhos Tutelares, a Justiça da Infância e da Juventude (Varas) e o Ministério Público.
- Há serviços como Centros de Referência da Criança e do Adolescente, Centros de Defesa da Criança e do Adolescente, entre outros, que recebem e dão encaminhamento a esse tipo de denúncia.
- Mas, a rigor, qualquer serviço ou instituição (hospital, escola, creche, entre outros) que receba crianças e adolescentes com suspeita ou confirmação de violência tem também a obrigação de notificar as autoridades competentes.
- Quando se faz a denúncia nos Conselhos Tutelares e nas Varas da Infância e da Juventude, dá-se início a um processo fundamental de verificação da violência (com entrevistas psicológicas e sociais, visitas, encaminhamento para a polícia para boletim de ocorrência, exames de corpo de delito e médico etc.), com o fim primeiro de proteger a criança ou o adolescente (com medidas de proteção). Em segundo lugar, o caso também é encaminhado para as instâncias que cuidam da responsabilização do autor da violência (Justiça da Infância e da Juventude – com medidas de proteção e socioeducativas; Justiça Criminal – com medidas punitivas).
- Sem o conhecimento da situação, por meio da denúncia ou da notificação, a Justiça não pode agir para garantir a proteção da criança e do adolescente. Por isso, não tema, denuncie! O muro do silêncio e a impunidade – que resultam da omissão de muitas pessoas – são também grandes responsáveis pela continuidade e pelo aumento do número de casos de violência.



Conselho Tutelar

- É o órgão competente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos no ECA (art.131).
- O ECA prevê a existência de pelo menos um Conselho Tutelar para cada município, composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local para um mandato de três anos (art.132).
- Tem como atribuições atender crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts.98 e 105 do ECA, aplicando as medidas do artigo 101, do inciso I até o VII (abrigo em entidade); no que concerne aos pais ou ao responsável, aplica as medidas previstas no art.129, do inciso I até o VII (advertência). Além disso, deve promover a execução de suas decisões, encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou do adolescente, encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência, entre outras atribuições previstas no art.136 do ECA.

Venham depressa!
A vizinha está
maltratando
a menina.

Justiça da Infância e da Juventude

- É quem declara que os direitos de crianças e adolescentes foram ou estão sendo ameaçados ou violados, tendo o dever de garanti-los.
- Desde 1990, julga tendo o ECA como base.
- Funciona em Varas da Infância e da Juventude (vara corresponde a uma área na qual o juiz exerce seu poder; pode abranger um certo número de bairros ou um município, por exemplo).



Serviços de atendimento no Brasil

Disque denúncia de violência, abuso ou exploração sexual de crianças e adolescentes

100

Secretaria Especial dos Direitos Humanos

Procure os telefones das Delegacias Especializadas na Criança e no Adolescente, Delegacias da Mulher e Delegacias de Polícia, do Ministério Público, das Varas da Infância e da Juventude, e dos Conselhos Tutelares de sua cidade, bem como de outros serviços que dão atendimento jurídico, médico, social, psicológico e específicos para casos de violência em seu município ou estado!



Telefones importantes

Anote aqui telefones e/ou endereços de órgãos, serviços de atendimento e defesa em sua cidade, que estejam localizados mais próximos de sua residência e deixe esta folha colada em local visível

Conselho(s) Tutelar(es): _____

Vara da Infância e da Juventude: _____

Ministério Público: _____

Defensoria Pública: _____

Delegacia especializada em Crianças e Adolescentes: _____

SOS Criança: _____

Delegacia da Mulher: _____

Disque Denúncia: _____

Delegacia de Polícia: _____

Hospital ou Pronto-Socorro: _____

Outros serviços: _____



Fontes utilizadas para a construção deste guia

- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V.N.A. Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder. São Paulo, Iglu, 1989.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V.N.A. Mania de bater: A punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo, Iglu, 2001.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V.N.A. Palmada já era! Um pre - texto para conversas entre pais e filhos que não gostam nem de bater e nem de apanhar. São Paulo, LACRI, 2002.
- BERGERET, J. et al. Quand et comment punir les enfants? 2.ed. Paris, ESF, 1990.
- BRASIL. Ministério da Justiça; Secretaria Nacional dos Direitos Humanos; Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. Sistema Nacional de Combate à Exploração Sexual Infanto-Juvenil. Brasília/Rio de Janeiro, 1997.
- CENTRO DE REFERÊNCIA ÀS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DO INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Dicas para o relacionamento entre pais e filhos. São Paulo, Calendário 2002.
- CÔRTEZ, C. "Palmada é incompetência." (Entrevista com Luiz Lobo). Revista Isto É, n. 1483, de 4/3/98.
- COSTA, M. H. M. A melhor maneira de agir ao impor limites. São Paulo, Escola Equilíbrio, 2002. (não publicado)
- DURNING, P.; FORTIN, A. La maltraitance psychologique: quatrième modalité ou dimension essentielle de tout mauvais traitement? Lecture critique de la littérature étrangère. In: GABEL, M.; LEBOVICI, S.; MAZET, Ph. Maltraitance Psychologique. Paris, Fleurus - Tardy, 1996. p.53 - 76.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Os males fabricados. Caderno MAIS, 18 de maio de 1997.
- FONDATION POUR L'ENFANCE. Comprendre, reconnaître, intervenir pour protéger les enfants maltraités. Paris, Fondation pour l'Enfance, 1995.
- FONDATION POUR L'ENFANCE. Être parents, pas si facile! Mini - guide pour être d'heureux parents ni "maltraités" ni "maltraitants". Paris, Fondation pour l'Enfance / Ministère des Affaires Sociales et de l'Intégration, s/d.
- GOSSET, D. et al. Maltraitance à enfants. Paris, Masson, 1996.
- GRANATO, A. "Por que é preciso dizer NÃO." Revista Veja, 16/6/1999.
- PROJETO CRIANÇA: Desenvolvimento, Educação e Cidadania. Punição Física na Educação de Crianças. Ciranda de Criança - Boletim Informativo do Projeto Criança, Universidade Federal do Paraná - Departamento de Psicologia, n.2, novembro de 1998.
- ROBERT, J. Te laisse pas faire! Les abus sexuels expliqués aux enfants. Québec, Les Éditions de L'Homme, 2000.
- VANNUCHI, C.; GULLO, C.; LOBATO, E. "Palmada, não!" Revista Isto É, n.1624, de 15/11/2000.
- ZAGURY, T. Limites sem trauma: Construindo Cidadãos. Rio de Janeiro, Record, 2000.



KIT RESPEITAR
*Enfrentamento à violência
contra crianças e adolescentes*

Criar
Respeitando

Guia para Pais e Responsáveis

O Enfrentamento à violência consiste em um conjunto de ações integradas com todos os projetos da Fundação Orsa, cujo foco é garantir a crianças e adolescentes uma vida sem violência, abuso ou exploração sexual.

A capacitação, a mobilização e a sensibilização da comunidade para essas questões guiam as ações da Fundação, o que garante a prevenção dos casos e o protagonismo infanto-juvenil.



O Kit Respeitar é uma das metodologias desse enfrentamento.

FUNDAÇÃO ORSA

Alameda Mamoré, 989, 25º andar - Alphaville - Barueri / SP - CEP: 06454-040
Tel.: (0xx11) 2175-7570
www.fundacaoorsa.org.br

SECRETARIA ESTADUAL DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Rua Bela Cintra, 1.032 - Cerqueira César - São Paulo / SP - CEP: 01415-000
Tel.: (0xx11) 2763-8000
www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br



SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

